

Neste número:

Maioridade penal

Casamento, a aprendizagem do amor

Fé cristã, Igrejas e o Reino de Deus

Ser pai ou ser amigo

Um tema polêmico

Corações em greve

Confiança

Integralismo e repressão

Escutatória

Solidariedade

Para uma educação nova e inclusiva

Receitas espertas para convencer

Não fique tão sério

Será que vai chover

O eterno descobrimento

Reforma política: passos reais

Utopia

O povo papal

A terra está morrendo

Não desanimar jamais

Mar de Cristal

O vendedor de palavras

Violência, causas e caminhos de solução

O amor cristão

Sonho

Carta ao povo cristão da AL e Caribe

Corrupção

**fato⁶⁵
e razão**



Beijing 2008
Olympic rings

Um mundo um sonho



Movimento Familiar Cristão

Sumário

Menos Pobres, 2 Editorial

O Princípio 90/10, 4 Stephen Covey

Nível de Complicabilização, 6 Ricardo Freire

Família, 8

A Ética da Vida, 9 Antônio Galvão

Os Dois Burrinhos, 11 D. Pedro José Conti

Infância Violentada, 13 Maria Clara Lucchetti Bingemer

Da Intimidade do Jardim Para o Mundo, 15 Marcelo Barros

Aborto, 18 Hélio e Selma Amorim

Como Situar as Falas do Papa, 20 Eduardo Hoornaert

Carta ao Povo Cristão da América Latina e do Caribe, 23

Corrupção, 26

Os Movimentos Sociais na Luta Contra a Pobreza, 28 Frei Betto

O Grande Incômodo, 33 Jung Mo Sung

Não Existe Caminho Para a Paz, a Paz é o Caminho, 35 Stephen e Maria Newnum

Exigimos e Fazemos Outra Democracia, 37 D. Pedro Casaldáliga

Não Fique Tão Sério, 40

Fundamentalismo e Suas Consequências, 44 Frei Cristóvão Pereira, ofm

As TVs Católicas, 47 Domingos Zamagna

Não Grite Com as Crianças, 49 Flávia Mazelin Salvi

Proteção e Superproteção, 52 Jorge La Rosa

Desafios do Envelhecer, 55 Lúcia Ribeiro

Poema, 63 Beatriz Reis

A Vinha, 64 Padre Charles Borg

Lenda Chinesa, 66

Dar à Luz ao Próprio Casal, 67 Deonira L. Viganó La Rosa

A Menina Esquecida, 70 Cecília Pires

Foto, Fato, Razão, 73

Uma Gotinha de Tempo na Oceano da História, 75 Itamar D. Bonfatti

Os 4 Erres do Consumismo, 78 Leonardo Boff

**fato
e razão****Recado dos editores**

Durante mais de 30 anos o casal Hélio e Selma Amorim ocupou este espaço e dedicou-se integralmente a construir a nossa apreciada revista.

Após tantos anos de esforço eles entenderam que era chegada a hora de buscar reforços.

Foi então que uma equipe de Juiz de Fora se ofereceu para assumir as tarefas de diagramar, ilustrar, administrar a impressão e a revisão da revista, além de responsabilizar-se por sua distribuição e controle das assinaturas.

O primeiro desafio dessa equipe consiste em regularizar a periodicidade da revista, involuntariamente prejudicada pelos problemas de saúde enfrentados por nosso querido Hélio.

Outro grande desafio consiste em manter a confiança dos leitores e a fidelidade dos assinantes.

Obviamente não poderemos prescindir da liderança e dos contatos conquistados por esse abençoado casal durante essa longa e frutuosa caminhada e muito menos de seus inspirados textos.

De nossa parte fica assegurado o propósito de nos dedicarmos de corpo e alma à manutenção da qualidade da revista, principal instrumento de trabalho de nosso querido Movimento.

Movimento Familiar Cristão

www.mfc.org.br

Conselho Diretor Nacional

José Newton e Ariadna Ribeiro
Alzenir e Nereida Lopes
Paulo Roberto e Palmira Ferrari
Adalberto e Sônia de Jesus
A. Anastácio e Claire de Souza
Mozart e Geralda Carvalho

Editoria e Redação

Hélio e Selma Amorim
João e Arlete Borges
José Maurício e Marly Jorge Guedes
Luiz Carlos e Rita Martins
Oscavo e Terezinha Campos
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Maria do Carmo Freitas Schmitz
Itamar David Bonfatti
Rua Barão de Santa Helena, 68
36020-520 Juiz de Fora-MG
E-mail: fatorazao@gmail.com

Distribuidora Fato e Razão

Atendimento Assinaturas
Livraria do MFC
Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora-MG
Telefax: (32)3218-4239
E-mail: fatorazao@gmail.com

Fotolitos+ e impressão

DI Gráfica
Av. Rui Barbosa 440 galpão 7
36045-410 Juiz de Fora-MG
Tel.: (32)3223-1310
di.graf@terra.com.br

Capa: Olimpíadas 2008

Data desta edição: junho de 2008

MENOS POBRES

O crescimento econômico e programas sociais permitiram que 15 milhões de pessoas saíssem da pobreza e mais de 10 milhões deixassem de ser indigentes na América Latina, em 2006. O levantamento foi feito pela CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina e Caribe. Brasil, Argentina e Venezuela lideram esse movimento de avanços nessa ascensão social, ainda insuficientes mas promissores. No Brasil, são pobres aqueles que têm renda familiar per capita inferior a duas cestas básicas, ou cerca de 240 reais mensais; indigentes os que não alcançam a metade desse valor. Essa ascensão social depende fundamentalmente do aumento de emprego e de programas de transferência de renda, no caso do Brasil, o Bolsa-Família e outros conduzidos pelo ministro Patrus Ananias, voltados para o desenvolvimento social e combate à fome. Há muito o que fazer para avanços mais acelerados. Ainda são 170 milhões de pobres latino-americanos, esperando por oportunidades de escapar da

escravidão da pobreza extrema e da fome. A reversão desse quadro exige uma forte mobilização de cidadãos das demais classes sociais que expresse um verdadeiro e indignado inconformismo com essa situação de injustiça. Para os cristãos é uma imposição natural de sua fé, mais de uma vez traduzida em proclamações de sua opção pelo pobres, em documentos oficiais do episcopado da América Latina. Essa opção só deixará de ser uma intenção romântica se expressar-se em ações concretas em que cidadãos das classes médias tomam o partido dos pobres nas lutas por menos desigualdades e contra mecanismos econômicos de concentração de renda e riqueza. Para chegar a essa posição contrária aos próprios interesses de classe, será preciso ao cidadão imbuído de boas intenções dar alguns passos prévios. De saída, superar preconceitos de classe e despertar profunda simpatia pelos pobres. Reconhecer que são vítimas de um processo de reprodução social que os condena a uma enorme desvantagem para tentativas de superar a pobreza. Nasceram em famílias pobres, em situação de penúria e miséria, precárias condições de nutrição e cuidados com a saúde na primeira infância, acesso limitado

ou impossível à escola de qualidade na adolescência, com baixa capacidade de aprendizagem, e todas as demais carências que os filhos das classes médias desconheceram. Também será necessária alguma convivência com os pobres, dos ambientes em que vivem, sentindo o cheiro e o visual da pobreza, dialogando, aprendendo a ver o mundo por sua ótica. O consumismo, o desperdício de bens, a ostentação do ter e tudo o que parece natural para classes favorecidas tornam-se aberrações na ótica dos pobres, em sua luta pela simples sobrevivência biológica. Essa tomada de consciência convida esses cidadãos de boa vontade a uma vida mais austera que o capacitem a alguma partilha de bens com os pobres. Sem esses passos preliminares, a opção pelos pobres permanece no campo das boas intenções. Simpatia pelo pobre e capacidade de ver o mundo por sua ótica são precondições para tomar o seu partido nas situações de conflito de interesses de classes, quando ele busca caminhos de ascensão social, seja na luta por salários mais justos, seja na exigência de leis favoráveis à justa distribuição de riqueza e crescente acesso aos benefícios do progresso, especialmente nos campos da educação, da saúde, da habitação digna. Nessas situações, há que estar do lado

dos socialmente mais fracos. Nos dias que se seguiram ao anúncio promissor da CEPAL, um dos mais importantes jornais do país iniciou uma série de reportagens sobre as mordomias escandalosas desfrutadas por funcionários dos três poderes. Deputados ganharão banheiras de hidromassagens em seus apartamentos funcionais, juízes de STF serão presenteados com cem podômetros, um aparelho que lhes permite medir quantos passos deram e as calorias consumidas em suas corridas e caminhadas, tudo naturalmente pago com o dinheiro do povo. Compras de carros importados, de luxo, para funcionários de vários escalões, parlamentares e desembargadores, cristais para serviços de banquetes, aluguel da salas vips nos aeroportos para uso de deputados, TV de cristal líquido de 42 polegadas para o diretor-geral do STJ, a lista é interminável. São 74 mil funcionários dos três poderes os beneficiários de algum tipo de mordomia. A luta por justiça social e ascensão mais acelerada das classes excluídas, passa também por essa denúncia de favorecimentos ilícitos e ostensivos, dessas compras e despesas públicas publicadas no nos órgãos oficiais, para escândalo dos cidadãos que pagam a conta.

O Princípio 90/10

90/10

Stephen Covey

Que princípio é este? Os 10% da vida estão relacionados com o que se passa com você, os outros 90% da vida estão relacionados com a forma como você reage ao que se passa com você.

O que isto quer dizer? Realmente, nós não temos controle sobre 10% do que nos sucede. Não podemos evitar que o carro enguiice, que o avião atrasse, que o semáforo fique no vermelho. Mas, você é quem determinará os outros 90%. Como? Com sua reação.

Exemplo: você está tomando o café da manhã com sua família. Sua filha, ao pegar a xícara, deixa o café cair na sua camisa branca de trabalho. Você não tem controle sobre isto. O que acontecerá em seguida será determinado por sua reação.

Então, você se irrita. Repreende severamente sua filha e ela começa a chorar. Você

censura sua esposa por ter colocado a xícara muito na beirada da mesa. E tem prosseguimento uma batalha verbal. Contrariado e resmungando, você vai mudar de camisa. Quando volta, encontra sua filha chorando mais ainda e ela acaba perdendo o ônibus para a escola. Sua esposa vai pro trabalho, também contrariada. Você tem de levar sua filha, de carro, pra escola. Como está atrasado, dirige em alta velocidade e é multado. Depois de 15 minutos de atraso, uma discussão com o guarda de trânsito e uma multa, vocês chegam à escola, onde sua filha entra, sem se despedir de você. Ao chegar atrasado ao escritório, você percebe que esqueceu de sua maleta. Seu dia começou mal e parece que ficará pior. Você fica ansioso pro dia acabar e quando chega em casa, sua esposa e filha estão de cara fechada, em silêncio e frias com você.

Por quê? Por causa de sua reação ao acontecido no café da

manhã. Pense: por quê seu dia foi péssimo?

- A) por causa do café?
- B) por causa de sua filha?
- C) por causa de sua esposa?
- D) por causa da multa de trânsito?
- E) por sua causa?

A resposta correta é a **E**. Você não teve controle sobre o que aconteceu com o café, mas o modo como você reagiu naqueles 5 minutos foi o que deixou seu dia ruim.

O café cai na sua camisa. Sua filha começa a chorar. Então, você diz a ela, gentilmente: "está bem, querida, você só precisa ter mais cuidado". Depois de pegar outra camisa e a pasta executiva, você volta, olha pela janela e vê sua filha pegando o ônibus. Dá um sorriso e ela retribui, dando adeus com a mão.

Notou a diferença? Duas situações iguais, que terminam muito diferente. Por quê? Porque os outros 90% são determinados por sua reação.

Aqui temos um exemplo de como aplicar o **Princípio 90/10**. Se alguém diz algo negativo sobre você, não leve a sério, não

deixe que os comentários negativos te afetem. Reaja apropriadamente e seu dia não ficará arruinado.

Como reagir a alguém que te atrapalha no trânsito? Você fica transtornado? Golpeia o volante? Xinga? Sua pressão sobe? O que acontece se você perder o emprego? Por quê perder o sono e ficar tão chateado? Isto não funcionará. Use a energia da preocupação para procurar outro trabalho. Seu vôo está atrasado, vai atrapalhar a sua programação do dia. Por quê manifestar frustração com o funcionário do aeroporto? Ele não pode fazer nada. Use seu tempo para estudar, conhecer os outros passageiros. Estressar-se só piora as coisas.

Agora que você já conhece o Princípio 90/10, utilize-o. Você se surpreenderá com os resultados e não se arrependerá de usá-lo. Milhares de pessoas estão sofrendo de um stress que não vale a pena, sofrimentos, problemas e dores de cabeça. Todos devemos conhecer e praticar o Princípio 90/10.

Nível de disponibilização

por Ricardo Freire

Não, por favor, nem tente me disponibilizar alguma coisa, que eu não quero.

Não aceito nada que pessoas, empresas ou organizações me disponibilizem. É uma questão de princípios. Se você me oferecer, me der, me vender, me emprestar, talvez eu venha a topar. Até mesmo se você tornar disponível, quem sabe, eu aceite. Mas, se você insistir em disponibilizar, nada feito.

Caso você esteja contando comigo para operacionalizar algo, vou dizendo desde já: pode tirar seu cavalinho da chuva. Eu não operacionalizo nada para ninguém. Tampouco compactuo com quem operacionalize. Se você quiser, eu monto, eu rea-lizo, eu aplico, eu ponho em operação. Se você pedir com jeitinho, eu até implemento. Mas, operacionalizar, jamais. O quê? Você quer que eu agilize isso para você? Lamento, mas eu não sei agilizar nada. Nunca agilizei. Está lá no meu currículo: faço tudo, menos agilizar. Precisando, eu apresso, eu priorizo, eu ponho na frente, eu dou um gás. Mas agilizar desculpe, não posso, acho que matei essa aula.

Outro dia mesmo queriam reinicializar meu computador. Só por cima do meu

cadáver virtual! Prefiro comprar um computador novo a reinicializar o antigo. Até porque eu desconfio que o problema não seja assim tão grave. Em vez de reinicializar, talvez seja o caso de simplesmente reiniciar, e pronto. Por falar nisso, é bom que você saiba que eu parei de utilizar. Assim, sem mais nem menos. Eu sei, é uma atitude um tanto quanto radical da minha parte, mas eu não utilizo mais nada. Tenho consciência de que a cada dia que passa mais e mais pessoas estão utilizando, mas eu parei. Não utilizo mais. Agora eu só uso. E recomendo. Se você soubesse como é muito mais elegante, também deixaria de utilizar e passaria a usar.

Sim, estou me associando à campanha nacional contra os verbos que acabam em "ilizar". Se nada for feito, daqui a pouco eles serão mais numerosos do que os terminados simplesmente em "ar". Todos os dias os maus tradutores de livros de marketing e administração disponibilizam mais e mais termos infelizes, que

imediatamente são operacionalizados pela mídia, reinicializando palavras que já existiam e eram perfeitamente claras e eufônicas. A doença está tão disseminada que muitos verbos honestos, com currículo de ótimos serviços prestados, estão a ponto de cair em desgraça entre pessoas de ouvidos sensíveis.

Depois que você fica alérgico a disponibilizar, como você vai admitir, digamos, "viabilizar"? É triste demorar tanto tempo para a gente se dar conta de que "desincompatibilizar" sempre foi um palavrão. Precisamos reparabilizar nessas palavras que o pessoal inventabiliza só para complicabilizar. Caso contrário, daqui a pouco nossos filhos vão pensabilizar que o certo é ficar se expressabilizando dessa maneira.

Já posso até ouvir as reclamações: "Você não vai me impedibilizar de falabilizar do jeito que eu bem quilibiliser".

"A mente é como um pára-quedas: funciona melhor depois de aberta"...

FAMÍLIA

Família, pessoas que se unem para juntas construir felicidade, amor e perdão.

Família é festa, dança, joelho machucado, risos e oração.

É aprender equilibrar-se na bicicleta, com o pai, a mãe ou os irmãos.

É choro a qualquer hora, é birra, sermão, é o meio da noite acordar todo mundo ou fugir para o quarto com medo do bicho papão.

É ouvir belas histórias e aprender a olhar as estrelas.

É fazer a maior confusão com os bichinhos de estimulação.

É aprender a ir pra escola e fazer a lição.

É brigar por qualquer razão e fazer as pazes depois com um sorriso tímido ou um pedido de perdão.

Família é aprendizado constante, é paz no coração.

É aprender muito com o pai, a mãe e ou com os irmãos.

É tomar banho de chuva e entrar em casa todo molhado sem dar explicação.



É pedir a bênção em qualquer hora e ter a certeza de que não estamos sozinhos, não.

É aprender que Deus cuida da gente e nos ama de montão.

É ouvir juntos os pingos de chuva no telhado e ficar quietinha em casa curtindo o instante.

É aprender a rezar o Pai-Nosso e a Ave-Maria.

É comemorar cada novo acontecimento, cada conquista da mãe, do pai, do irmão, da irmã.

É ter as preocupações, mas com matizes diferentes.

É aprender que cada um tem seu jeito de ser e viver uma mesma situação.

É aprender solidariedade e participação.

É dividir a casa, o quarto, a televisão e o coração.

Ser família é ter colinho, amor de irmão.

É ter a quem dar a mão.

a ética



O direito do paciente terminal em recusar tratamentos paliativos, que só irão prolongar uma vida condenada pela enfermidade reacendeu o debate sobre a ética da vida.

A palavra de ordem é ortotanásia. Na verdade, a chamada bioética, que até há pouco tempo era tida como um terreno exclusivo dos médicos, mostrou-se mais ampla e interdisciplinar do que se julgava. Igualmente, os advogados entraram na questão, trazendo argumentos do biodireito, para opinar e criar foros privilegiados de debate. Em ambos segmentos, constata-se uma ética setorizada, deontológica, como uma "ética profissional", nem sempre universal, nem sempre desinteressadamente ética. De uns vinte anos para cá, a bioética ganhou status de

da VIDA

*Antonio Galvão**

disciplina, perdendo espaços restritos para ganhar o âmbito do interesse social, de cuja mesa participam médicos, cientistas, biólogos, filósofos, sociólogos, teólogos, antropólogos, advogados, jornalistas e outros profissionais. A Igreja, e não apenas a católica, mas todo o conjunto cristão, é vista como "especialista em humanidade", ganhando assento privilegiado nesse debate sobre a vida humana. Se de um lado a eutanásia (no grego, eú, boa + thánatos, morte) é vista como um homicídio ou um suicídio assistido, de outro, a ortotanásia é sinônimo, pois como a anterior, trata-se de "morrer bem", rapidamente, sem sofrimentos, higienicamente. Não era esta a prática de J. Kevorkian, o "doutor morte"? O ato de promover a morte antecipada, por motivo de compaixão e diante de um sofrimento penoso e insuportável, sempre foi motivo de reflexão por parte da sociedade. Na contrapartida, surgem cada vez mais tratamentos e recursos capazes de prolongar por muito

tempo a vida dos pacientes, o que pode levar a um demorado e penoso processo de morrer. A medicina atual, à medida que avança na possibilidade de salvar mais vidas, cria inevitavelmente complexos dilemas éticos que permitem maiores dificuldades para um conceito mais ajustado do fim da existência humana. Hoje falam equivocadamente em ortotanásia como o oposto de eutanásia. Os dois verbetes são sinônimos. O contraponto está na distanásia, que ao contrário das outras, é o prolongamento artificial da vida de um paciente terminal sem perspectiva de cura ou melhora. Trata-se da morte com sofrimento físico ou psicológico do indivíduo, lúcido ou sedado. A eutanásia é prover a morte do doente, retirando-lhe os equipamentos ou suprimindo a medicação. O respeito pela pessoa não implica, necessariamente, prolongar sua vida a qualquer preço.

* Doutor em Teologia Moral, especialista em Bioética e autor do livro "Bioética: A ética a serviço da vida" (Ed. Santuário, 2005). Publicado por ADITAL.

"É necessário abrir os olhos e perceber que as coisas boas estão dentro de nós, onde os sentimentos não precisam de motivos nem os desejos de razão. O importante é aproveitar o momento e aprender sua duração, pois a vida está nos olhos de quem sabe ver."

Gabriel Garcia Marquez

A distanásia, pelo ingrediente de egoísmo que concentra na atitude, em geral dos familiares, é tão cruel quanto a eutanásia.

Assim como não é ético matar alguém, igualmente foge de qualquer parâmetro moral o conservar artificialmente uma vida que esteja comprovadamente fadada à morte. O Papa João Paulo II impediu a distanásia, solicitando que não lhe fosse dada vida artificial. Ele tinha pressa em voltar à casa do Pai. O direito à vida é o valor mais importante do ser humano, pois constitui um princípio referencial às exigências éticas, às normas do direito, às práticas sociais e ao discurso das entidades voltadas para a defesa dos direitos humanos.

OS DOIS BURRINHOS

Dom Pedro José Conti *

Dois burrinhos de carga caminhavam juntos. Um levava ouro; o outro, simples farinha para a tropa. Inutilmente o segundo burrinho tentava puxar conversa com o primeiro. Este o olhava de cima para baixo, com desprezo. O que aquele burro miserável, carregado de farinha, queria dele, escolhido para levar o ouro? Mas aconteceu que os ladrões caíram em cima daquela tropa e logo procuraram o que tinha mais valor. Com um chute mandaram embora o burrinho que carregava a farinha e quase mataram de pancadas o burrinho do ouro, porque o coitado não queria entregar a carga.

Quando os ladrões se foram, o burrinho quase morto pediu socorro ao outro colega ainda em pé e carregado de farinha.

Esse último, a esta altura, desculpou-se por não poder ajudar em nada, porque, afinal, de farinha, absolutamente indigno de aproximar-se de um burro tão importante, escolhido para levar o ouro.

Assim, conclui-se a historinha. Isso acontece a quem se esquece, que, apesar da carga, ou do cargo, continua sendo um burro como todos os outros.

Não conheço o autor dessa história, nem lembro onde a encontrei, mas é tão simples e clara que o povo gosta de ouvi-la e de contá-la.

É mais uma lição de humildade, uma virtude tão preciosa quanto o bom senso e a inteligência. Jesus falou muitas vezes da humildade; convidou-nos a escolher os últimos lugares, mais conscientes das nossas

limitações que inchados pelo nosso orgulho.

No entanto, o mundo anda, mais do que nunca, cheio de arrogantes e fanfarrões. Ao ouvi-los, parece que existem somente eles, os insubstituíveis salvadores da pátria. Os que sabem tudo, ajeitam tudo e, obviamente, criticam todos os outros.

O bom senso nos diz que se nos acomodamos no último lugar, somente poderemos ficar por aí mesmo, ou subir, convidados a maiores tarefas ou responsabilidades. Pelo contrário, quem se achou o tal, ocupando logo os primeiros lugares, só poderá ficar para trás, descendo os degraus da vida.

A inteligência também nos convida à prudência, a reconhecer o valor dos outros, porque sempre poderá aparecer alguém melhor e mais importante do que nós.

Fico pensativo quando vejo ex-cantores, ex-campeões, ex-tudo, mendigar um pouco de luz, porque a estrela deles, ou delas, parece que se apagou. Não sabiam que o sucesso era

passageiro, que as modas iam passar e que têm muitas outras coisas que valem na vida, mais do que a fama e a glória dos homens?

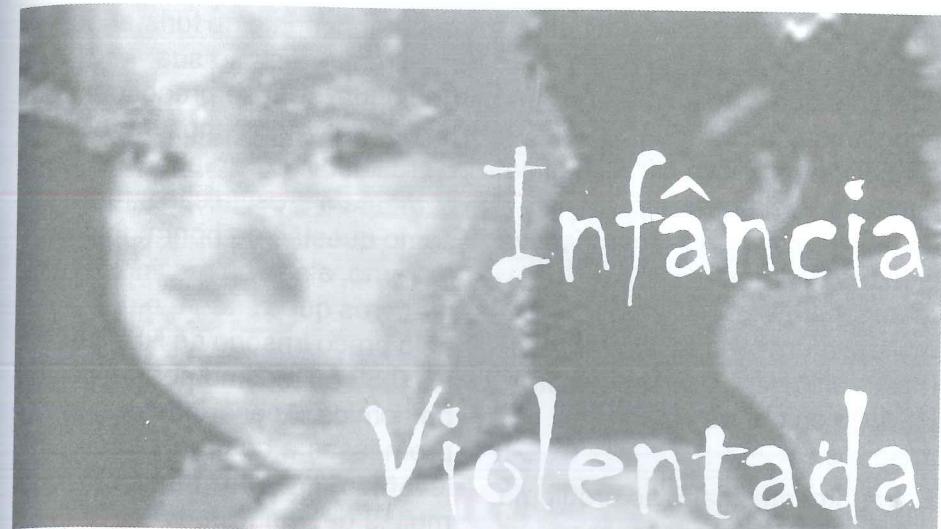
Mas os orgulhosos se acham injustiçados, desmerecedores do esquecimento. Não se conformam com a queda, parece mesmo que tenham vivido só para aquele lugar, em cima, e que seja insuportável sentar mais em baixo. Ao contrário, quem sempre ficou na sombra continuará tranquilo e satisfeito no seu canto. Se subir, por um tempo, voltará a gostar, como antes, das coisas mais simples e verdadeiras da vida, com menos bajuladores e aproveitadores ao seu redor.

Já deveríamos ter aprendido a lição, mas, infelizmente, sempre haverá quem ache que a humildade seja a virtude dos fracos e dos incapazes. Ao passo que o orgulho e a arrogância seriam as qualidades dos corajosos e dos ousados.

É mesmo, cada um de nós é burro do seu jeito.

(Publicado no sítio da CNBB)

* Bispo de Macapá. Publicado por ADITAL.



*Maria Clara Lucchetti Bingemer **

Em meio a todas as vicissitudes por que passa o Brasil, imaginamos que não há nada mais capaz de chocar-nos além do que já estamos todos enojados e estarrecidos. Mas, infelizmente, há sempre horrores a surpreender-nos ainda mais.

Na última terça-feira, a vereadora Liliam Sá, do Paraná, declarou na CPI do Turismo Sexual que há denúncias de pontos de prostituição infantil em vários pontos do estado do Rio de Janeiro. Também chegaram à CPI informações de que há meninas se prostituindo em Sepetiba por R\$ 1,99. Ao lado e além do fato, triste e desalentador, há a cifra que espanta pelo simbolismo que carrega em si.

Há muitos anos, a cifra R\$ 1,99 virou um símbolo da estabilidade econômica popularizado em milhares de lojas de todo o país. O Plano Real ganhava credibilidade e o consumidor brasileiro via com tranquilidade crescente artigos vendidos a R\$ 1,99, mostrando que se podia confiar no modelo econômico brasileiro, que saía definitivamente da inflação galopante em que estivemos mergulhados durante longos anos. Agora R\$ 1,99 denuncia uma espantosa instabilidade: a do nível de segurança em que vive grande quantidade de crianças e adolescentes em nosso país.

No ano passado, lemos espantados na grande imprensa a notícia de que a cifra R\$ 1,99

tinha, nas cidades de Curitiba e Paranaguá, conotação bem diferente que a de calmaria econômica no cenário brasileiro. A simbólica e positiva cifra significa a maneira pela qual são conhecidas algumas ruas dessas cidades paranaenses onde meninas de 11 ou 12 anos - muitas já envolvidas com drogas - fazem programas ao ar livre por R\$ 1,99 ou outros valores irrisórios.

Estreitamente ligado ao problema da prostituição infantil está, portanto, o imenso monstro da droga e do narcotráfico. Muitas dessas meninas se prostituem para obter droga. Por causa do crack que precisam cheirar e/ou vender, fazem sexo por qualquer dinheiro. Os clientes são caminhoneiros que param em postos de gasolina à margem das estradas federais. Ou marinheiros, em geral estrangeiros, que lotam bordéis na área do porto. No Rio de Janeiro, recentemente, a Polícia Rodoviária Federal identificou 1.918 pontos vulneráveis à ocorrência de casos de violência sexual contra crianças ao longo dos mais de 60 mil km de rodovias federais.

Tudo isso mostra que a exploração da prostituição infantil ainda é um crime sem castigo, que acontece impune, disfarçada

de "atendimento ao turista" ou mostrando mesmo sua cara hedionda, sem se preocupar com disfarces. Vários anos depois de o presidente Lula eleger o combate à prostituição infantil como questão de honra de seu governo, ainda há meninas menores que vendem o corpo pelo preço irrisório de R\$ 1,99, R\$ 0,50 ou mesmo por um prato de comida. Apesar das promessas e dos propósitos, um levantamento recente mostra que muitas das principais organizações criminosas identificadas em 2003 pela CPI da Prostituição Infantil do Congresso não foram sequer investigadas e continuam atuando livremente.

Como sempre, as vítimas mostram a face da fraqueza maior: pobres, do sexo feminino e negras, elas continuam sendo alvo indefeso às terríveis explorações do tráfico e do sexo. O Brasil chora a inocência agredida de suas meninas. E espera medidas enérgicas e eficientes por parte de um governo que, se espera, ainda queira investir no futuro do país.

*Autora de "Simone Weil - A força e a fraqueza do amor" (Ed. Rocco).
www.users.rdc.puc-rio.br/agape - Texto publicado por ADITAL.
www.users.rdc.puc-rio.br/agape

DA INTIMIDADE DO JARDIM PARA O MUNDO

Marcelo Barros *

Sem dúvida, quase todos nós já passamos em frente a um muro ou portão que nos permite ver de relance um jardim grande e bonito, mas fechado ao público. Antigamente, nos casarões clássicos, como no claustro dos conventos, o jardim interno era a parte mais íntima da casa. Só a família e pouquíssimas pessoas "de fora" tinham acesso a este coração da casa. Na literatura clássica, este jardim interno se tornou símbolo da dimensão privada das pessoas e das famílias. Hoje, as construções não favorecem esta cultura de intimidade e aconchego. E é cada vez mais comum a vigilância de câmaras que nos dizem: "sorria, você está sendo filmado!" Em um mundo de paparazzi e repórteres sequiosos por fofocas sobre gente famosa, a ética das comunicações interroga aos veículos de imprensa sobre até

que ponto do jardim mais íntimo da vida têm o direito de invadir. "Muito Além do Jardim" (Being There, 1979) é, em português, o nome de um filme do Hal Hashby. Baseado no livro "O Videota", de Jerzy Kozinski, o filme nos apresenta a Chance Gardener, (Peter Sellers), um jardineiro ingênuo que passa toda a sua vida cuidando de um jardim e vendo televisão. A televisão é o seu único contato com o mundo. Ele nunca entrou em um carro. Não sabe ler ou escrever. Não tem carteira de identidade... Em resumo, não existe como cidadão, oficialmente. O seu mundo era o seu jardim e sua televisão. O patrão morre e Chance é forçado a deixar a casa e enfrentar o mundo real. Sai à rua e é imediatamente atropelado (no ponto de vista físico, mas também no plano simbólico). É verdade que teve a sorte de a

motorista que quase o atropelou ser a Shirley McLaine dos anos 70... Enfim, o filme já era uma parábola sobre como os meios de comunicação moldam nossa forma de ver e viver neste mundo. A ONU celebrou no 03 de maio o dia mundial da liberdade da imprensa e, no 05, o dia mundial dos meios de comunicação. Para a sociedade civil, é confortador saber que a Federação Nacional dos Jornalistas se preocupa em aperfeiçoar o código de ética da categoria abrindo-se inclusive à contribuição de qualquer pessoa através do sítio da entidade www.fenaj.org.br

Para quem, como eu, não é da área e admira o profissionalismo e a solidariedade de tantos jornalistas, com os quais me relaciono neste jornal e em outros veículos de comunicação no Brasil, este tema fascina. Uma ética verdadeiramente humana é situacional. Tem critérios objetivos e estáveis, mas só pode ser posta em prática de acordo com a realidade. No campo das comunicações, a Ética procura equilibrar interesses e valores. Os interesses são individuais ou grupais e nem precisamos definir porque são bastante conhecidos. Os valores são bens e princípios humanos que dizem respeito à dignidade da pessoa e à vocação dos meios de comunicação de

cumprir sua missão da forma justa.

Em 1980, a UNESCO conseguiu aprovar o relatório de Sean McBride com o título “Por uma Nova Ordem da Comunicação Social”. Buscava uma ética mais justa e democrática para os meios de comunicações e, para isso, propunha descolonizar, democratizar e inserir a comunicação social como princípio e método de trabalho. Era um relatório que concretizava as aspirações dos países não-alinhados. Os governos dos Estados Unidos e de outras potências capitalistas o rejeitaram e o ignoraram. Quase 20 anos depois, a 33ª sessão da Conferência Geral da Unesco, em outubro de 2005, submeteu a aprovação dos Estados membros o anteprojeto da Convenção sobre a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais. O objetivo foi conferir força de lei à Declaração Universal sobre Diversidade Cultural. Enquanto conselheiros de Bush falam na possibilidade de “choque de civilizações”, a Unesco propõe o paradigma ético da “diversidade em diálogo”

É claro que este tipo de assunto pode deixar a impressão que nós mesmos, pessoas comuns e particulares, não podemos fazer nada para impedir que a

Comunicação continue sendo produzida por cinco ou seis multinacionais que, a cada dia, impõem as notícias internacionais do seu interesse e de duas ou três agências nacionais que nos vendem as notícias do Brasil. Entretanto, mesmo na nossa vida e ações cotidianas, podemos assumir estes objetivos que hoje não são mais apenas da UNESCO, mas de uma grande parte da humanidade que busca “um outro mundo possível”. É importante buscar esta ética mais ampla e mundial, mas sem esquecer a ética que, hoje, é possível no cotidiano de nossos meios de comunicação. É importante garantir um sem desistir de procurar o outro. Como diz Eduardo Galeano: “a utopia é o horizonte do qual quanto mais procuramos nos aproximar mais parece se afastar. Entretanto, ela serve para nos fazer caminhar os passos concretos e possíveis para hoje”. Em nosso contexto atual, este compromisso que une possibilidades atuais e esperanças mais utópicas se dá na defesa de uma cultura de paz, na defesa dos direitos humanos dos que vivem sem direitos e na valorização das culturas que não são tidas como nobres pela cultura ocidental e norte-americana hegemônica. A mesma

reportagem, artigo ou documentário pode assumir diversas perspectivas, latentes ou patentes. Frei Carlos Josaphat, mestre deste assunto na Universidade de Friburgo, na Suíça, escreve:

“A ética não se realiza como a conformidade a um código de obrigações, ressentidas como vindas de fora ou de cima.

Sobretudo em uma profissão, como a do/a comunicador/a, que trabalha com a inteligência, a ética parte de uma inspiração, de uma intuição e opção de valores, estimados e queridos como bens inestimáveis e os mais necessários à humanidade. Do apego, da consagração dos jornalistas a esses valores é que depende, em grande parte, o futuro da humanidade, a superação dos conflitos, a busca corajosa e paciente da justiça e da solidariedade, esses rudes e maravilhosos caminhos da paz”.

* Monge beneditino e autor de 26 livros.
mosteirodegoias@cultura.com.br
Publicado por ADITAL.



ABORTO

Hélio e Selma Amorim *

Volta à pauta da mídia a questão da flexibilização da proibição do aborto. Já circulam artigos a favor e contra. A Igreja volta a se manifestar, condenando qualquer anúncio de inovações legais nessa matéria.

A causa evidente do aborto é a gravidez indesejada, por desconhecimento ou falta de acesso aos meios contraceptivos – ou ainda por respeito a orientações religiosas.

A condenação da Igreja aos métodos “artificiais” é conhecida. Desde a *Humanae Vitae*, são inúmeros os documentos oficiais da Igreja que se preocupam, com extremo rigor, em proclamar a ilicitude daqueles métodos, contrários à “lei natural”. Entretanto, o uso de preservativos, pílulas anovulatórias e outros recursos contraceptivos cresce, inclusive entre cristãos católicos. Por outro lado, não obstante tantos anos de intensa difusão, os métodos “naturais” não têm merecido a acolhida esperada nos meios médicos e científicos. Por isso, os documentos e discursos que condenam aquelas práticas e proclamam a excelência do método Billings assumem um tom panfletário e apaixonado. Atribuem tal desprezo ao interesse comercial dos

laboratórios multinacionais e à má vontade de muitos médicos em relação a um método que quase prescinde de sua assistência profissional, com prováveis repercussões negativas nos rendimentos de seus consultórios. Entretanto, muitos médicos de cuja honestidade não se pode duvidar, atuando na Previdência Social e em Postos de Saúde Pública, sem interesse nos lucros dos laboratórios farmacêuticos, não têm demonstrado, geralmente, um duradouro interesse pelo método Billings. E nos meios eclesiásicos é francamente controvertida a questão da “lei natural” aplicada a essa matéria.

Cabe uma crítica a essa orientação. Com efeito, a divinização da lei natural, ou seja, pretender a submissão do homem às leis da natureza, não corresponde ao plano de Deus. Ao contrário, o Criador entrega a natureza ao homem para que a domine, responsávelmente, de modo que ela seja propícia à humanização. Porque a natureza tanto é fonte generosa de benefícios para o homem como, freqüentemente, instrumento de destruição, sofrimento e morte. Não somente belas colheitas e saúde mas igualmente cataclismos e enfermidades são manifestações da natureza, segundo suas leis. O homem foi dotado por Deus de qualidades que o capacitam a interferir sobre

essas leis naturais, de modo a orientá-las à humanização. Fiel ao mandato divino, vem conseguindo, ao longo da história, êxitos cada vez mais surpreendentes, especialmente no combate a enfermidades físicas, psíquicas e mentais, assim contribuindo para a humanização. Outras vezes, infiel, tem exercido um domínio irresponsável e predatório sobre a natureza, chegando a ameaçar a existência humana futura neste planeta e, portanto, conspirando contra a humanização.

Deve-se, portanto, discernir entre interferências sobre as leis da natureza que podem levar à humanização e as que conduzem à desumanização. O que não se pode aceitar é a divinização e intocabilidade da natureza ou da lei natural. Retirar cirurgicamente um órgão irremediavelmente afetado para salvar a vida do enfermo é uma interferência humanizadora sobre a natureza que produziu a enfermidade, segundo suas leis. Utilizar outros recursos da ciência para evitar a gravidez indesejada, segundo critérios de uma paternidade responsável, sem prejuízo da humanizadora expressão sexual do amor de um casal, é, por isso mesmo, uma interferência obviamente lícita sobre a natureza.

* Editores de Fato e Razão, do MFC

A fala mais comentada do papa Bento XVI por ocasião de sua visita ao Brasil foi sem dúvida o discurso que ele proferiu na abertura do Celam V em Aparecida. Esse discurso contém algumas frases de difícil entendimento e outras que são francamente inaceitáveis, como quando ele disse que a evangelização da América Latina não foi uma imposição de uma cultura estranha. Frases meio enigmáticas são as seguintes: Só quem conhece a Deus conhece a realidade; Sem Jesus, a realidade torna-se um enigma indecifrável. O papa garante que a igreja não precisa explicitar a opção pelos pobres, pois a opção preferencial pelos pobres já está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre para nos enriquecer com a sua pobreza.

diversos tópicos fica quase impossível. O que explica melhor suas falas é o contexto de toda a sua vida.

O atual papa deixou consignado em numerosas publicações em livros e revistas que dois acontecimentos o marcaram em profundidade: 1968 e 1989.

1. 1968. Não parece que o Concílio Vaticano II, ao qual Ratzinger participou como jovem professor (entre 34 e 38 anos) e dentro do qual trabalhou ao lado de colegas como Rahner, de Lubac, Chenu, Daniélou, Schillebeeckx, Congar, Küng (veja José Oscar Beozzo, *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II*, Paulinas, São Paulo, 2005, 309) tenha marcado os rumos de sua vida. De certa forma, esse foi um concílio a-dogmático, e Ratzinger

O que estava acontecendo ali se confrontava com os valores que Ratzinger aprendeu a viver e respeitar desde a infância. O acontecimento virou um tema bastante comentado entre teólogos na época, pois ali alguns viram despontar algo inteiramente novo que não estava na agenda da igreja, nem mesmo na dinâmica do Concílio Vaticano II: o tema da liberdade. Ratzinger pertencia aos que não conseguiram ver nada de valioso na revolta dos estudantes. Para ele, o que acontecera ali era anarquia, libertinagem, individualismo, secularismo, irresponsabilidade. É impressionante verificar que os mesmos termos depreciativos estão presentes nas falas do hoje papa Bento XVI por ocasião de sua visita ao Brasil, quando ele fala da cultura atual. Durante toda a sua visita, em nenhum momento o papa falou do valor inestimável da liberdade, nem acenou para a sua importância nos evangelhos e nas cartas de São Paulo. Eis o grande tema silenciado nas falas do papa Bento XVI.

Mesmo assim, não há quem não perceba sinais de uma guinada da sociedade em direção à maior liberdade e desregulamentação um pouco por todo canto, em todo o planeta, de forma confusa e contraditória. As autoridades mal conseguem acompanhar o movimento e isso resulta no fato que está aparecendo no mundo inteiro (não só nem principalmente na América latina) uma crise da educação; da segurança; do

casamento (ficar); do estado (quem manda na realidade são as multinacionais); da autoridade (o papa mesmo apontou para a notável ausência de líderes católicos). Aparece o desejo de emancipação da mulher; de dignificação dos homossexuais; de libertação do sexo ao lado da universalização da corrupção (sinal claro da crise das instituições). Em tudo isso se pode detectar uma aspiração à maior liberdade, paradoxalmente embutida num sistema de economia mundial que exerce uma ditadura nunca dantes experimentada sobre corpos e mentes (como o papa assinalou na sua conferência do dia 13pp.). Estamos metidos num caldeirão em plena fermentação e não adianta culpar o individualismo ou o relativismo. É preciso agir valorizando a aspiração à liberdade. Eis uma tarefa prioritária para cristãos no século XXI.

2. 1989. O segundo tema recorrente nos escritos do atual papa é a queda do muro de Berlim, ocorrida em 1989. Na análise do papa, essa queda significa a 'queda do marxismo ateu'. Finalmente, Deus (cuja morte foi anunciada pelos filósofos do século XX) pode renascer. Pertence ao passado o perigoso namoro da teologia da libertação com o marxismo. Com seu colega o papa João Paulo II, o atual papa faz uma avaliação positiva da derrubada da União Soviética.



COMO SITUAR AS FALAS DO PAPA

Eduardo Hoornaert *

De outro lado, ele afirma que é inevitável falar das estruturas, sobretudo das que criam injustiças, uma frase que parece alinhar seu discurso com o da teologia da libertação. Mas logo adiante aparece uma condenação velada a essa teologia, quando o papa diz que é preciso seguir a reta razão, não as ideologias. Em geral, fica difícil entender o que o papa quer dizer mesmo, em

sempre foi professor de dogmática. Mas, pelo contrário, a reflexão sobre o que se convencionou chamar de 'revolta de maio 1968' ou 'revolta dos estudantes' volta repetidamente nos escritos de Ratzinger. A repentina explosão da juventude, que agitou as ruas de Paris e de outras cidades por longos dias, mexeu profundamente com o então professor de 41 anos.

Deus, de novo, pode aparecer em praça pública. Mas o que Bento XVI não explicita é o que ele entende aqui por 'Deus'. Ele não toca na questão teológica fundamental. Que tipo de Deus renasce após 1989? Quando, por exemplo, o papa Bento XVI passa de papamóvel no meio da multidão, que imagem de Deus ele imprime no imaginário do povo? Em nenhum momento, em toda a sua visita, o papa comentou esse ponto, mas ao longo das sucessivas cerimônias ficou claro que ele representa o Deus das genuflexões e das reverências, das cátedras e das catedrais, das basílicas e das pompas, da grandeza inalcançável, do trono, do lugar elevado, do aceno passageiro, da corte, da diplomacia, do poder elevado e das aclamações longínquas diante de um monarca inalcançável. Esse é o Deus monarca bem conhecido da tradição católica e eminentemente representado pelo papa. Será que esse Deus é capaz de abrir novas perspectivas para os povos da América Latina? Em contraste com esse Deus da visita de Bento XVI, a igreja latino-americana, nos últimos anos, tem nos apresentado o Deus de Dom Romero, Dom Proaño e Dom Hélder Câmara, o Deus da Irmã Dorothy e de Dom Erwin Krautler, o Deus do CIMI e dos movimentos negros, dos sem-teto e sem-terra, das favelas, das mães solteiras (grávidas), das domésticas, dos

negros. O tipo de consideração que faço aqui pode parecer distante da realidade vivida, pois não há nenhum sinal – por parte da instituição papal – de uma auto-crítica nesse sentido. Mesmo assim, um dia esse tema terá de figurar na agenda do Vaticano, como Dom Hélder Câmara já previu tempos atrás. Só um Deus humilde que anda no meio dos pobres é capaz de 'baixar os pobres da cruz'.

A viagem do papa, executada até às minúcias segundo um padrão de antemão planejado, me dá a impressão de um jogo armado para que as pessoas não percebam o óbvio, não usem o bom senso nem recorrem à imagem de Jesus tal qual aparece nos evangelhos. Um jogo de poder e hegemonia, com astúcia e sem misericórdia (apesar das aparências), como qualquer jogo em torno do poder. Um jogo de avanços e recuos, diplomacias, amabilidades e aparências, como qualquer jogo político. Neste mundo cruel, onde os instrumentos sociais (TV, governo, empresas) são de comprovada habilidade na arte de ocultar jogos e manter as pessoas sem entender o sentido das coisas, a viagem do papa no Brasil não destoou em nada do que estamos acostumados a ver quando desfilam autoridades na tela da televisão. O povo de Deus fica abandonado à própria sorte.

* Teólogo, Historiador, Escritor.
Publicado pelo Boletim REDE.

DOCUMENTO CNLB - CONSELHO NACIONAL DO LAICATO DO BRASIL
**CARTA AO POVO CRISTÃO DA AMÉRICA LATINA
E DO CARIBE**
Seminário Latino-americano de Teologia

Caras irmãs e irmãos do povo de Deus

Por ocasião da V Conferência Episcopal Latino-Americana e Caribenha, nós, participantes do *Seminário Latino-americano de Teologia*, organizado pelo Conselho Nacional do Laicato do Brasil, queremos comunicar a nossa reflexão em torno do tema central: "Discípulos/as e missionários/as de Jesus Cristo para que nossos povos nele tenham vida". Somos 250 pessoas, vindas de vários estados do Brasil, Argentina, Bolívia, Chile, Costa Rica, Equador, México, Uruguai, Venezuela, Colômbia, Guatemala, El Salvador, Haiti, Nicarágua, Canadá, França e Itália, além dos participantes de inúmeras salas virtuais.

Dentre os muitos pontos aprofundados, queremos destacar alguns aspectos que julgamos importantes para a caminhada da Igreja latino-americana e caribenha.

Sentimo-nos interpelados pelas diversas formas de agressão à vida humana, a todas as formas de vida e à Terra, nossa mãe: o aprofundamento da pobreza e da desigualdade social; o clima de violência que atinge particularmente a população mais jovem, as mulheres e as crianças; a destruição dos povos e da cultura negra e indígena. A humanidade experimenta uma crise generalizada, que atinge a família, a Igreja, as relações sociais e econômicas, a organização política e o conjunto de valores construídos a longo do tempo. Trata-se de uma crise sistêmica e paradigmática, que rompe o equilíbrio nas relações entre os seres humanos e destes com toda a Criação. Na fidelidade ao seguimento de Cristo, aos seus profetismo e pedagogia, não podemos calar diante dos gritos e clamores dos povos latino-americanos e

caribenhos, causados por esse processo histórico de exploração. Nada disso é natural ou acontece por acaso. O neoliberalismo agravou o endividamento externo e interno e multiplicou a dura experiência da miséria e da exclusão social. Além disso, aprofundou o grau de dependência dos nossos povos na forma de um neocolonialismo que se expressa especialmente em relações de livre comércio profundamente desiguais e geradoras de exploração em todos os níveis.

Porém, não podemos deixar de apontar os sinais dos tempos que tornam visível para os dias de hoje a Ressurreição de Jesus: o aumento da consciência ecológica; as experiências de democracia participativa e expressões de soberania popular; a criatividade nas experiências de economia solidária e comércio justo; a multiplicação e o fortalecimento de muitos movimentos sociais. Expressão importante desse movimento de resistência e ressurreição de nossos povos tem sido a realização dos sucessivos fóruns sociais regionais e mundiais. A Igreja, enquanto participante da história, também passa por situação de profunda crise:

diminuição significativa do número de fiéis; dicotomia entre fé e vida; ausência de renovação da linguagem e símbolos religiosos; permanência de uma estrutura piramidal rígida, que leva ao não reconhecimento da missão e do sacerdócio comum de todo o povo de Deus; a não valorização do laicato, e de modo especial das mulheres, como sujeito eclesial e sua participação nos espaços de decisão.

Diante de tudo isso, sentimo-nos desafiados a:

- * reconhecer o protagonismo dos empobrecidos no processo de evangelização e na construção de uma nova sociedade, baseada na justiça e solidariedade;**
- * assumir com firmeza a opção pelos pobres, afirmando-a como irreversível e irrenunciável, como um imperativo do seguimento de Jesus e de fidelidade ao Deus da Justiça;**
- * construir novas relações com equidade de gênero;**
- * reconhecer a presença de Deus nas culturas, nos povos, nas religiões, vivenciar processos de incultração e fomentar espaços de diálogo intercultural e inter-religioso;**
- * criar estruturas adequadas para o trabalho de**

evangelização no mundo urbano;

- * reconhecer a riqueza da diversidade e a pluralidade, cultivando a alteridade;**
- * promover uma nova cultura do trabalho a partir da crise da sociedade do emprego;**
- * estimular a presença de bispos e presbíteros diretamente nas experiências libertadoras em suas paróquias e dioceses.**

Assim, convidamos todos os irmãos e irmãs a assumir conosco esses compromissos: aprofundar a experiência de vida cristã inspirada em Jesus de Nazaré; construir uma igreja que seja rede de comunidades que sejam expressões vivas do povo de Deus; que reafirma as estruturas próprias das igrejas latino-americanas e caribenhos, historicamente fundadas no tripé: CEBs, pastorais e conferências episcopais; que dialoga com as realidades do tempo de hoje; que fermenta as ações humanas que vão construindo uma sociedade nova – um outro mundo já possível, em que possamos experimentar a globalização da solidariedade -, tecendo parcerias com movimentos sociais; aprofundar a teologia da libertação como inspiração que

nasce da rica experiência eclesial e da profunda religiosidade dos povos latino-americanos, e que alimenta a fé, renova sua esperança e que torna mais libertadora a prática do amor; assumir uma ética da vida em âmbito pessoal e social; promover espaços de evangelização que possibilitem aos jovens uma adesão livre e amadurecida ao Evangelho de Jesus; manter-se livre na relação com as estruturas necessárias para a evangelização, sabendo que devem ser reformadas permanentemente; fomentar a promoção de um fórum social cristão, com o objetivo de refletir sobre a transição de época e os diversos cenários eclesiais face aos desafios político-sociais; incentivar uma maior integração das pastorais com os movimentos, enquanto crescimento da consciência social e libertadora da igreja latino-americana e caribenha como caminhada de todo o povo de Deus; aprofundar a reflexão sobre o uso das novas tecnologias a favor da vida, bem como a reflexão crítica acessível e prática das consequências do sistema de globalização capitalista.

Pindamonhangaba, São Paulo, 20 de maio de 2007

"O que mais preocupa não é o grito dos violentos, nem dos corruptos, nem dos desonestos, nem dos sem-caráter, nem dos sem-ética. O que mais preocupa é o silêncio dos bons!"

Martin Luther King

Corrupção

Conforme o dicionário, corrupção é adulterar, corromper, estragar, viciar-se.

Nos dias em que vivemos, muito se tem falado a respeito da corrupção. E, quase sempre, direcionando as setas para os poderes públicos.

Pensamos que corrupção esteja intimamente ligada aos que exercem o poder público.

Ledo engano. Está de tal forma disseminada entre nós, que, com certeza, muito poucos nela não estejam enquadrados.

Vejamos alguns exemplos.

Quando produzimos algo com qualidade inferior, para auferir maiores lucros, e vendemos como de qualidade superior, estamos sendo corruptos.

Quando adquirimos uma propriedade e, ao procedermos a escrituração, adulteramos o valor, a fim de pagar menos impostos, estamos disseminando corrupção.

Ao burlarmos o fisco, não pedindo ou não emitindo nota fiscal, estamos nos permitindo a corrupção.

Isso tem sido comum, não é mesmo? É como se houvesse, entre todos, um contrato secretamente assinado no sentido de eu faço, todos fazem e ninguém conta para ninguém.

Corrupção é sermos pagos para trabalhar oito horas e chegarmos atrasados, ou sairmos antes, pedindo que colegas passem o nosso cartão pelo relógio eletrônico. É conseguir atestados falsos, de profissionais

igualmente corruptos, para justificar nossas faltas ao trabalho: deveríamos estar trabalhando, mas vamos viajar ou passear.

É mentirmos perante as autoridades, desejando favorecer a uns e outros em processos litigiosos. Naturalmente, para ser agradáveis a ditos amigos que, dizem, quando precisarmos, farão o mesmo por nós. Corrupção é aplaudir nosso filho que nos apresenta notas altas nas matérias, mesmo sabendo que ele as conquistou à custa de cola desavergonhada.

E que dizer dos que nos oferecemos para realizar toda a pesquisa que a ele caberia fazer?

Sério, não?

Assim, a partir de agora, passemos a examinar com mais vagar tudo que fazemos.

Mesmo porque, nossos filhos têm os olhos postos sobre nós e nossos exemplos sempre falarão mais alto do que nossas palavras.

Desejamos, acaso, que a situação que vivemos em nosso país tenha prosseguimento?

Ou almejamos uma nação forte, unida pelo bem, disposta a trabalhar para progredir, crescer em intelecto e moralidade?

Em nossas mãos, repousa a decisão.

Se desejarmos, podemos iniciar a poda da corrupção hoje mesmo, agora.

E se acreditarmos que somente um de nós fazendo, tudo continuará igual, não é verdade. Os exemplos arrastam.

Se começarmos a campanha da honestidade, da integridade, logo mais os corruptos sentirão vergonha. Receberão admoestações e punições, em vez de aplausos.

E, convenhamos, se não houver quem aceite a corrupção, ela morrerá por si mesma.

Pensemos nisso. E não percamos tempo.

Equipe de Redação do Site www.momento.com.br



Os movimentos sociais na luta contra a pobreza

*Frei Betto **

Movimentos sociais são organizações da sociedade civil que pressionam a sociedade política (Estado e instituições afins) visando à defesa e/ou conquista de direitos (humanos, civis, políticos, econômicos, ecológicos etc). Há movimentos sociais espontâneos e efêmeros (o recente protesto de jovens da periferia francesa contra o consumismo, através da queima de carros), bem como os que se prolongam no tempo e adquirem formas distintas para reivindicar um único direito, como a isonomia das mulheres em relação aos homens (cf.: a peça "Lisístrata", do grego Aristófanes, nascido no século V a.C., e o movimento feminista da segunda metade do século XX). A

organização da sociedade em movimentos sociais é inerente à sua estrutura de poder. O teatro teve na Grécia antiga o papel político de dotar a população de razão crítica através de uma expressão estética, como comprova, na obra de Sófocles, Antígona frente a Creonte (a consciência do indivíduo calcada na justiça perante a legalidade do poder respaldada na tradição), como ocorreu recentemente em Guernica, de Picasso, espelho dos horrores causados pelo fascismo.

Os movimentos sociais adquirem, através da história, distintas expressões: estética, religiosa, econômica, ecológica etc. A partir do século I, o Império Romano teve suas bases

solapadas por um movimento social de caráter religioso - o Cristianismo - que se recusou a reconhecer a divindade de César e propalou a radical dignidade de todo ser humano, chamado à comunhão de amor com os semelhantes e com Deus, segundo a mensagem proferida por uma vítima do Império - Jesus de Nazaré - em quem os adeptos da nova fé reconheciam a presença de Deus na Terra.

Os movimentos sociais tendem a se revestir do caráter predominante do poder vigente numa sociedade. Assim, durante a Idade Média os umiliati de Milão se constituíram em força de pressão em prol da deselitização da Igreja, culminando no franciscanismo, assim como as confrarias e irmandades do Brasil colonial podem ser consideradas antecipações arcaicas dos sindicatos.

Autonomia dos movimentos sociais

Desde a Revolução Francesa a sociedade civil passou a se mobilizar mais freqüentemente em movimentos sociais. Porém, é recente a noção de que a sociedade civil deve se organizar para pressionar o poder público, e não necessariamente para almejar também "a tomada do

poder". Isso ensejou o caráter multifacetado dos movimentos - indígenas, negros, mulheres, migrantes, homossexuais etc. - e o fato de constituírem instâncias políticas nem sempre partidárias. Essa "laicização" dos movimentos sociais é que permitiu alcançarem autonomia em relação às instâncias de poder - político, religioso, econômico etc. - e, ao mesmo tempo, despontarem como forças de alteridade perante o poder institucionalizado. É o fenômeno recente do empoderamento da sociedade civil que, quanto mais forte, mais logra transmutar a democracia meramente representativa em democracia efetivamente participativa.

Fome e pobreza no Terceiro Milênio

O mais grave sintoma de nosso atraso civilizatório é a existência da pobreza como fenômeno coletivo. Segundo a ONU, somos 6,5 bilhões de habitantes, dos quais 2/3 vivem abaixo da linha da pobreza, ou seja, sobrevivem com renda mensal per capita equivalente a, no máximo, US\$ 60, ou diária de US\$ 2. Isso significa que não apenas o modelo de socialismo europeu fracassou, mas também o próprio capitalismo, já que suas riquezas

e avanços tecnocientíficos só beneficiam uma parcela mínima da sociedade. Esta pôs os pés na Lua e se aproxima de Marte, porém ainda não logra pôr nutrientes suficientes no estômago de 1,3 bilhão de pessoas que sobrevivem em situação permanente de insegurança alimentar e nutricional.

Dados da FAO revelam que a cada hora morrem 1 mil seres humanos em decorrência da desnutrição, dos quais, anualmente, 5 milhões são crianças com menos de 5 anos de idade. E isso não ocorre devido à falta de alimentos ou ao excesso de bocas. A FAO assegura que o planeta produz alimentos suficientes para 11 bilhões de pessoas, quase o dobro da população atual. Portanto, a principal causa é a falta de justiça, de partilha dos bens da Terra e dos frutos do trabalho humano.

Há no mundo atual apenas quatro causas de morte precoce: doenças (câncer, aids etc.); acidentes (de trânsito e de trabalho); violência (homicídios, suicídios, terrorismo e guerra); e a fome. Esta última é a que causa mais vítimas e, no entanto, a que provoca menos

mobilização da sociedade para que seja erradicada. Por que será que nos mobilizamos tanto em função do combate à aids, aos acidentes em rodovias e ao terrorismo, e somos indiferentes à verdadeira arma de destruição em massa, a fome? Só encontrei, até agora, uma resposta. E ela é cínica: dos quatro fatores, a fome é o único que faz distinção de classe. Jamais ameaça a nós, os bem-nutridos. Só os miseráveis morrem de fome. E como, neste ponto, há que dar razão a David Hume e Adam Smith, de que mesmo em causas altruistas somos movidos pelo egoísmo, ficamos indiferentes porque a fome não nos ameaça. Por sua vez, os miseráveis são destituídos do mínimo de condições para se organizarem em movimentos sociais. Interessa-lhes apenas o pão deles de cada dia.

O programa Fome Zero

O Brasil é historicamente uma nação marcada pela pobreza e a fome, devido às estruturas de opressão ainda vigentes no país. Em 1946, o sociólogo Josué de Castro publicou o clássico "Geografia da fome", onde defende a tese de que ela não

advém nem da vontade divina nem das condições climáticas desfavoráveis à agricultura. A fome é causada pela estrutura da sociedade, injusta e desigual. É, pois, um problema eminentemente político.

No início da década de 1990, Lula, atual presidente do Brasil, propôs que a questão fosse levada às ruas. Esta tarefa foi realizada com êxito pelo sociólogo Betinho, líder da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida. Graças a seu carisma, pela primeira vez houve uma massiva mobilização nacional, através de comitês da sociedade civil, em função do combate à fome. O movimento, entretanto, não chegou às causas do problema. Centrou-se mais em seus efeitos, mas teve o mérito de politizar o tema.

Eleito presidente em 2002, Lula criou o programa Fome Zero, visando a assegurar a toda população brasileira alimentos em quantidade e qualidade suficientes, e erradicar, na medida do possível, as causas da miséria. O primeiro objetivo foi relativamente alcançado nos últimos quatro anos, graças ao principal programa do Fome Zero - o Bolsa Família, que distribui renda mínima a cerca de 40 milhões de pessoas em situação

de insegurança alimentar e nutricional. Lula propôs, na ONU, algo semelhante em escala mundial, apoiado por Kofi Annan, Zapatero, Chirac e Lagos, então presidente do Chile, e acolhido por mais de 100 chefes de governo e de Estado, entre os quais o papa João Paulo II. Contudo, a proposta ainda não saiu do papel.

Apesar de seu relativo êxito, falta ao Bolsa Família encontrar a sua porta de saída, de modo a garantir a seus beneficiários independência em relação ao poder público, acesso ao emprego e condições de gerar a própria renda. A meu ver, a porta de saída é a reforma agrária, promessa da campanha de 2002 que o presidente Lula está por cumprir agora em seu segundo mandato.

Não há que esperar, entretanto, que o combate à fome e à pobreza dependa apenas do poder público. assumirem esta tarefa, sem deixar de pressionar o Estado. Há que ter sempre presente: governo é que nem feijão, só funciona na panela de pressão. A maioria dos direitos civis conquistados não resulta do beneplácito do poder público, e sim das lutas dos movimentos sociais, como o comprovam o fim da discriminação aos negros nos EUA, do apartheid na África do

Sul e a emancipação das mulheres em muitos países. Os movimentos sociais são os atores protagônicos da verdadeira democracia.

Globalização da solidariedade

O mundo atual é marcado por profundas desigualdades que impedem a tão almejada paz. Basta assinalar que 80% das riquezas estão em mãos de 20% da população. A paz jamais será fruto da imposição das armas e do equilíbrio de forças, como pretende o presidente Bush, e sim da promoção da justiça, como propôs o profeta Isaías (32, 17). Assim, cabe aos movimentos sociais - cuja expressão planetária é, hoje, o Fórum Social Mundial - ampliar os vínculos capazes de estreitar a globalização da solidariedade, em contraposição ao atual modelo neoliberal de globocolonização. É preciso que as mulheres da Espanha saibam e se movimentem em prol dos direitos das mulheres da Guatemala, e que os catadores de material reciclável das ruas de Nairobi sintam-se irmanados aos catadores de Manila ou de São Paulo.

Eis a tarefa mais urgente que desafia os movimentos sociais neste início do Terceiro Milênio: erradicar a fome e a pobreza, a ponto de torná-las crimes hediondos e graves violações dos direitos humanos, como já ocorre à escravidão e à tortura, embora praticadas em muitos países.

É urgente mobilizar toda a sociedade no combate às causas da pobreza, desde as estruturais - como os subsídios agrícolas nos países industrializados, os critérios injustos adotados pela OMC e a contravenção financeira "legalizada" em paraísos fiscais -, até as ideológicas, como as que ainda nos impedem de reconhecer todo ser humano dotado de irredutível dignidade ou, segundo a expressão de Jesus, como "templo vivo de Deus". Façamos da sociedade civil uma ampla rede de movimentos sociais, e transformemos a pobreza, um problema social, numa questão política. Só assim haveremos de aprimorar o nosso processo democrático e erradicar a miséria e a fome.

* Frei dominicano, escritor e assessor de movimentos sociais. Em 2003 e 2004 foi assessor especial do presidente Lula para a mobilização social do programa Fome Zero.

O Grande Incômodo

Jung Mo Sung *

A primeira vez que eu me senti seriamente incomodado com uma apresentação de Natal foi anos atrás na "formatura" de pré-escola da minha filha. Foi uma experiência estranha, pois a alegria da cerimônia se misturava com o meu mal estar. Não que a apresentação estivesse com algum problema, muito pelo contrário. A encenação da história do nascimento do menino Jesus estava muito bonita, com crianças vestidas em belas roupas da época e um belo cenário; enquanto uma voz ia narrando as peripécias de José e Maria até a chegada dos pastores e reis magos. O meu incômodo ou um sentimento estranho difícil de definir vinha exatamente do fato de que a encenação estava bela demais, com roupas e manjedoura bonitas demais para combinar com a história que estava sendo narrada. Eu sei que muitos teólogos e outros estudiosos da cultura humana têm a mania de ficar analisando as festas e cerimônias, ao invés

de "curti-las", mas naquele dia eu não pude evitar fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Por isso, eu vivia o paradoxo da alegria pela minha filha e o incômodo com a apresentação. Pensando bem, não tinha muito sentido apresentar cenários e roupas pobres em uma festa de "formatura" de crianças. Por isso, todos aprovavam a beleza e a riqueza das roupas e do cenário. Mas, pensando um pouco mais, também não tem muito sentido as pessoas irem a uma Igreja ou buscarem uma religião sem o desejo de encontrar um Deus que seja "bom, belo e poderoso". É por isso que as igrejas e templos de religiões já estabelecidas, com grande público, tendem a ser grandes, belos, ricos, imponentes, e todas outras coisas que mostram o poder e a beleza do Deus que representa. Não desejamos somente templos grandiosos, mas também as teologias precisam mostrar esta imponência e poder divinos. E quando as teologias não são mais capazes de por si só mostrar

esta grandiosidade de Deus, nós também apelamos para as grandes teorias científicas - seja da biologia ou da astrofísica - ou grandes obras literárias para mostrar que nós pertencemos a algo muito maior que nós, algo tão grandioso que nos faz esquecer a nossa humanidade, com todas as limitações e paixões, com tudo de bom e mal que temos em nós.

O meu mal estar consistia exatamente nisso. Quem quer ouvir a história de um menino Deus que nasce em uma manjedoura? Aliás, em uma cultura urbana, falar em manjedoura só nos lembra o presépio, e não o tabuleiro em que se deposita comida para vacas, cavalos etc. em estábulos. Coisa estranha e difícil de "engolir" é um Deus que nasceu em lugar tão pobre e que morreu pendurado em uma cruz, um suplício insuportável para quem sofre e também muito doloroso para quem vê. O problema para os que vivem na cultura cristã e se consideram cristãos é que há textos escritos sobre isso que não podem ser alterados ou apagados. Por isso, as nossas encenações, igrejas e teologias misturam a riqueza, a grandiosidade e poder junto com a pequenez e o vergonhoso da história de Jesus. Não são poucas igrejas onde em torno da

cruz há ostentação do poder e riqueza; como se quisessem esconder a vergonha da cruz. Como também há muitos livros de teologia que falam da cruz como se esta fosse uma expressão do poder divino. Manjedoura e cruz são símbolos de um Deus estranho, não "palatável" para a maioria dos gostos, religiosos ou não. Mas, como dizia Paulo, o que muitos consideram vergonha ou escândalo são os símbolos da nossa salvação.

A confissão de que Deus se fez carne - esvaziando-se da sua divindade, assumindo a forma de um servo e nascendo em uma família pobre - e que ele amou os pobres, lutou até o fim e morreu numa cruz, em um suplício horrendo, é uma das especificidades do cristianismo. Algo difícil de "engolir". Por isso, é mais do que compreensível de que na festa da formatura da minha filha a encenação tivesse sido bela e rica. O problema se torna grave quando as nossas liturgias, templos e teologias também procuram, mesmo que inconscientemente, esconder o paradoxo cristão que tanto nos incomoda.

* Professor de pós-grad. em Ciências da Religião da Univ. Metodista de S. Paulo e autor de *Sementes de esperança: a fé em um mundo em crise*.
Publicado por ADITAL.

Não temos receio em afirmar que duas frases simples do último século colocam todas as religiões diante da verdade da fé.

A primeira é de Abraham Johannes Muste que dizia: "Não existe caminho para a paz, a paz é o caminho". E a de Hans Küng que disse: "Não haverá paz no mundo, enquanto não houver paz entre as religiões".

Não há como dizer qual delas é mais verdadeira. Muste dizia que o maior problema da guerra é o vencedor. Pois o vencedor fica com a convicção

de que a violência dá resultado. "Quem lhe ensinará uma nova lição?" - perguntava Muste.

A cada Semana de Oração voltamos à frase desafiadora de Küng: "Não haverá paz no mundo enquanto não houver paz entre as religiões". Isso nos coloca na parede quanto ao nosso papel

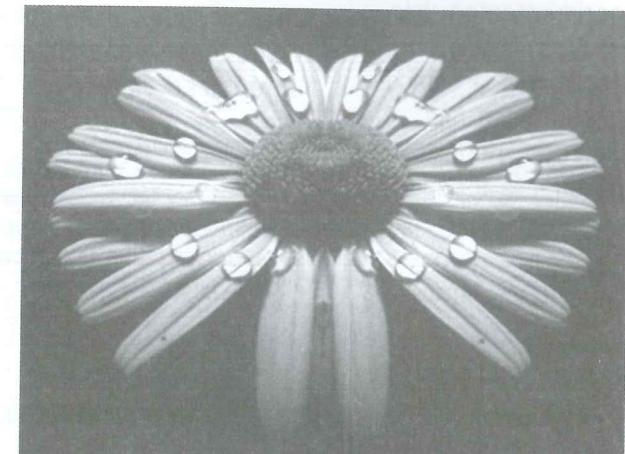
como cristãos e construtores da Paz. O desafio da Semana de Oração nem é, aparentemente, tão grande assim, pois a proposta é para nos unirmos com nossos irmãos católicos e protestantes pelo menos uma vez por ano para rezar.

Mas são surpreendentes as confusões que surgem.

Rapidamente nos vemos no meio

de uma guerra; uma guerra de egos, de donos do céu, donos de Jesus...

Nessa guerra, os vencedores logo aparecem; são os que ficam de fora, os que negam a se juntar, os que



Não existe caminho para a paz: A paz é o caminho

Stephen e Maria Newnum *

atacam e lançam toda sorte de maledicência dizendo, por exemplo, que os católicos querem evangelizar os protestantes ou vice-versa. Nessa hora vem a lembrança de Muste: "O pior da guerra são os vencedores, quem lhes ensinará uma lição nova?"

Aqui em casa já nos acostumamos a ficar do lado dos "perdedores". Ou seja, fazemos parte de uma minoria que insiste em orar juntos ao menos uma vez por ano e sonhar com um futuro onde a tolerância e o respeito sejam tão fortes, que nem nos importará saber a qual igreja pertencem nossos amigos e amigas da Semana de Oração.

De fato já experimentamos isso há vários anos. O melhor é que a cada ano aumenta nossa lista de amigos que continuam a nos brindar com amizade, bondade e aquela paz que supera todas as barreiras lastimavelmente levantadas pelos "vencedores" da guerra contra o ecumenismo.

Na prática quer dizer que se tivermos uma emergência numa

noite fria e chuvosa teremos com quem contar. Isso não é pouca coisa

Juntos nessa simplicidade da vida, somos grãozinhos pequenos. Mas Jesus já dizia: "Deixe vir a mim os pequeninos, porque eles são de paz".

Que a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos seja, também para você, oportunidade de aprender coisas novas. Só os verdadeiros vencedores se fazem aprendizes dia-a-dia.

* Missionário metodista, doutor em Ciências da Religião, integrante do Movimento Ecumênico de Maringá e teóloga metodista e Vice-presidente do Movimento Ecumênico de Maringá.

Publicado por ADITAL.

Bulas On Line - Muito Útil

Se você perdeu a bula de um medicamento ou não está entendendo, OU ENXERGANDO, nada do que está escrito lá, visite esse site: <http://www.e-bulas.bvs.br/cp.php> onde você encontrará bulas de todos os medicamentos disponíveis no mercado, sendo que há duas versões: para leigos, que vem tudo mastigadinho, numa linguagem de fácil entendimento, explicando o que são aquelas palavras indecifráveis que estão lá; e para profissionais de saúde, com detalhamento das substâncias e com todos aqueles palavrões que só eles entendem. Serviço prestado pela ANVISA.

Dom Pedro Casaldáliga *

DEMOCRACIA Exigimos e fazemos outra

À maneira de introdução fraterna

As últimas edições de nossa Agenda tiveram a ousadia de abordar temas maiores, verdadeiramente mundiais; também nisso é mundial a Agenda latino-americana. Esta edição de 2007 aborda um desses temas maiores: a democracia. Trazida e levada, palavra pública quase tão profanada como a palavra amor ou como a palavra Deus, palavra escrita, falada, justificada com todas as verdades e todas as mentiras. A revista Nuevamérica introduzia seu número dedicado à democracia com esta justificativa pontual: «Num contexto em que vemos o presidente norte-americano se apropriar do termo democracia para justificar sua política de intervenção militarista, faz-se necessário, sem dúvida alguma, rediscutir este conceito

que assume, cada vez mais e de maneira muitas vezes contraditória, caráter polissêmico».

De que falamos, quando falamos em democracia? A democracia atual, que é a forma política comum do Ocidente, em que é ou não é democracia? «Votar, calar e ver a TV», como dizia o humorista? A democracia que conhecemos, para as maiorias é apenas democracia fundamentalmente eleitoral e ainda com todas as restrições impostas pelo capital e seus meios de comunicação. Não é democracia econômica, nem democracia social, nem democracia étnico-cultural. Não é democracia participativa; é, quando muito, delegada ou representativa; mas, representativa de que interesses e delegada com que controles? É uma democracia que enjoa e indigna. Alguém já falou de «fadiga democrática». Classificando-a numa tacada, a jornalista Katrina van den Heuvel,

em seu Dicionário dos republicanismos, define-a como «governo das corporações, pelas corporações e para as corporações» e Pablo González Casanova, como «uma democracia dos poucos, com os poucos e para os poucos». Aquilo de «governo do povo, com o povo e para o povo» evaporou-se em populismos ilusórios e em sarcasmos neoliberais.

A Agenda, evidentemente, não pretende condenar «a democracia». Contesta categoricamente «esta democracia» que temos. E, com milhões de pessoas que sonhamos «outro mundo possível», quer exigir e ajudar a fazer «outra democracia». Falando de «outro mundo possível», cremos que cada vez mais é hora de dar o passo de afirmar essa possibilidade, a exigir e fazer esse outro mundo, como necessário e urgente. E para isso «exigimos e fazemos outra democracia», proclama nossa Agenda 2007. Exigimo-la como um direito fundamental das pessoas e dos povos, em todas as latitudes. Porque exigimos para todas as pessoas e para todos os povos os direitos básicos e os direitos complementares. Não podemos aceitar uma democracia-

privilegio, uma democracia-do-primeiro-mundo; menos ainda, uma democracia-imperial, «à mira de revólver», como ironizava Jesse Jackson. Os indígenas presentes ao Fórum Social Mundial de Caracas propugnaram enfaticamente «a descolonização da democracia».

Necessitamos dela e a exigimos «socializadora». Se os especialistas não sabem conjugar democracia e socialismo, pior para eles... O professor de história Agustí de Semir reconhecia que a democracia atual é, de fato, «a forma política do capitalismo». Por sua vez, o sociólogo Herbert José de Souza -o inesquecível Betinho-, num curso de bispos latino-americanos, recordava-nos o antagonismo essencial que existe entre democracia e liberalismo, entre capitalismo e democracia. Nem o liberalismo nem o capitalismo, explicava ele, podem pretender a democracia realmente popular, participativa, igualitariamente fraterna, mundial. «O liberalismo, dizia, porque promete uma igualdade abstrata com uma desigualdade real». E «o capitalismo porque está assentado na desigualdade e na desigualdade crescente». A democracia que nós defendemos não só pode ser «socialista», como tem que ser «socialista»;

com um socialismo não envergonhado, mesmo que escarmentado. **Ou se socializa a participação de todas as pessoas e de todos os povos nos direitos à vida, à dignidade, à liberdade, à alteridade, ou não haverá nem democracia nem paz.** Do jeito que vai a história da democracia no Ocidente pode ser uma boa lição para não identificarmos a priori uma sociedade democrática com uma sociedade verdadeiramente humana.

Para que a religião não seja mais um grande inimigo da democracia, como tem sido com freqüência e ainda é, até Deus deve ser «democratizado» de outro modo. A respectiva vivência religiosa da fé deve-se abrir ao diálogo no pluralismo e deve compartilhar na ação voltada para as grandes causas comuns da vida e de todo o ser do universo. «Exigimos» outra democracia, postula a Agenda, mas também promete «fazer» essa outra democracia. Não nos será dada de favor; deveremos conquistá-la. **Devemos ser pessoalmente democracia para ajudar a fazer socialmente essa democracia outra. Seguindo a regra vital do cada dia e em cada lugar. Ser democracia**

na família e na vizinhança, na rua e no trabalho, na comunidade de fé e no partido ou no sindicato ou na associação. «Agenda» é isso: o que se tem que fazer. Sejamos, então, agenda democrática. Localmente, mundialmente. A democracia cabe em todas as vidas humanas e em todas as culturas. Todos os atabaques, todos os sinos, todos os gongos, podem e devem convocar à democracia integral, à cidadania universal.

Nesta Agenda 2007, vários especialistas dão-nos sua palavra qualificada sobre diferentes aspetos da democracia e suas implicações. E oferece também a Agenda experiências de democratização real e cotidiana. Pensando livremente, criticamente, autocriticamente e praticando coerentemente, iremos dando credibilidade a essa nossa convicção: «outra democracia é possível». Para que este mundo, malferido, desconcertado e, mesmo assim, obstinadamente sonhador, seja verdadeiramente casa feliz de uma Humanidade fraterna.

* Bispo Emérito da Prelazia de São Félix do Araguaia (MT) e um dos mais importantes militantes brasileiros pelos direitos humanos

Não fique tão sério...

O barqueiro

Um barqueiro levava pessoas que precisavam atravessar um rio largo e profundo. Um dia, transportava um advogado e uma professora.

No meio da travessia o advogado perguntou ao barqueiro: "Você conhece as leis que regulam a sua profissão?" O barqueiro respondeu que não entendia de leis. "Sem conhecer as leis do seu país você está perdendo uma boa parte da sua vida".

Foi a vez da professora: "Ao menos você sabe ler?" Ele respondeu que não. A professora disse: "Não saber ler é como perder metade da sua vida". De repente, uma tremenda correnteza surge sem aviso e vira o barco. O barqueiro grita: "Vocês sabem nadar?". Berraram ambos: "Não!"

O barqueiro ficou com pena: "Vocês vão perder a vida inteira".

Um professor liga para uma agência de um Banco:

- Alô? Quem tá falando?
- É o ladrão.
- Desculpe, eu não queria falar com o dono do banco. Tem algum funcionário aí?

- Não, os funcionários tá tudo como refém.

- Eu entendo. Trabalham quatorze horas por dia, ganham um salário ridículo, vivem levando esporro, mas não pedem demissão porque não encontram outro emprego, né? Vida difícil. Mas será que eu não poderia dar uma palavrinha com um deles?

- Impossível. Eles tá amordaçado.

- Foi o que pensei. Gestão moderna, né? Se fizerem qualquer crítica, vão pro olho da rua. Não haverá, então, algum chefe por aí?

- Claro que, não, meu amigo. Quanta inguinorânc! O chefe tá na cadeia, que é o lugar mais seguro pra se comandar um assalto.

- Bom... Sabe o que que é? Eu tenho uma conta...

- Tamo levando tudo, ô bacana. O saldo da tua conta é zero.

- Não, isso eu já sabia. Eu sou professor. O que eu queria mesmo era uma informação sobre juro.

- Companheiro, eu sou um ladrão pé-de-chinelo. Meu negócio é pequeno. Assalto a banco, vez ou outra um seqüestro. Pra saber de juro é melhor tu ligar pra Brasília.

- Sei, sei. O senhor está na informalidade, né? Também, com o preço que tão cobrando por um voto hoje em dia... Mas, será que não podia fazer um favor pra mim? É que eu atrasei o pagamento do cartão e queria saber quanto vou pagar de taxa.

- Tu tá pensando que eu tô brincando? Isso é um assalto!

- Longe de mim. Que é um assalto, eu sei perfeitamente. Mas queria saber o número preciso. Seis por cento, sete por cento?

- Eu acho que tu não tá entendendo, ô mané. Sou assaltante. Trabalho na base da intimidação e da chantagem, saca?

- Ah, já estava esperando. Vai querer vender um seguro de vida ou um título de capitalização, né?

- Não... Eu... Peraí, bacana, que hoje eu tô bonzinho e vou quebrar o teu galho. (um minuto depois) Alô? O sujeito aqui tá dizendo que é oito por cento ao mês.

- Puxa, que incrível!

- Tu achava que era menos?

- Não, achava que era isso mesmo. Estou impressionado é que, pela primeira vez na vida, consegui obter uma informação de uma empresa prestadora de serviço, pelo telefone, em menos de meia hora e sem ouvir Pour Elise.

- Quer saber? Fui com a tua cara. Dei umas bordoadas no gerente e

ele falou que vai te dar um desconto. Só vai te cobrar quatro por cento, tá ligado?

- Não acredito! E eu não vou ter que comprar nenhum produto do banco?

- Nadica. Tá acertado.

- Muito obrigado, meu senhor. Nunca fui tratado dessa...

- Ih, sujou! (tiros, gritos) A polícia!

- Polícia? Que polícia? Alô? Alô?

- (sinal de ocupado)

- Alô?... Droga! Maldito Estado. Sempre intervindo nas relações entre homens de bem!

Discípulo solidário

Irado com o mau resultado dos alunos na prova bimestral, o professor diz à turma:

- Aqueles que se considerarem burros, queiram ficar de pé. Naturalmente todos permaneceram sentados. Por fim o primeiro aluno da turma se ergueu.

- Então, você se considera burro?
- disse o mestre irado.
- Bem, pra falar a verdade, não me considero não... É que eu fiquei com pena de ver o senhor aí, em pé, sozinho...

Poder de síntese

A professora de português deu o tema de redação: "Se os burros voassem..."

Joãozinho resumiu tudo em um a frase: A escola seria um aeroporto...

Amigo oculto

O sujeito encontra o colega e desabafa:

- A minha mulher fugiu com o meu melhor amigo.
- Caramba! Quem é o cara? pergunta o outro, indignado.
- Também não sei, mas agora ele é o meu melhor amigo!...

Um policial estava interrogando três candidatos que estavam treinando para detetives. Para testar se reconheciam um suspeito ele mostrou ao primeiro uma foto por 5 segundos.

“Este é seu suspeito, como você o reconheceria?”

O primeiro responde:

“Fácil, eu o pegaria porque ele só tem um olho!”

O policial diz:

“Bem, ... é que... a foto mostra ele de perfil.”

Meio sem graça pela resposta ridícula que recebeu, ele mostra a foto para o segundo candidato por 5 segundos e pergunta:

“Este é seu suspeito, como você o reconheceria?”

Ele dá um sorrisinho maroto, e diz:

“Ah! É muito fácil pegá-lo porque só tem uma orelha!”

O policial furioso responde: “O que há com vocês? Claro que a foto só está mostrando um olho e uma orelha porque ele está de lado! Essa é a melhor resposta que vocês podem me dar?

Já louco da vida, ele mostra a foto para o terceiro e pergunta grosseiramente:

“Este é seu suspeito, como você o reconheceria?”

E rapidamente acrescenta:

“Pense bem antes de me dar uma resposta imbecil.”

O candidato olha atentamente a foto por um momento e diz:

“Hummm... o suspeito usa lente de contacto”.

O policial fica surpreso e sem fala porque nem mesmo ele sabia se o suspeito usava lente de contato ou não.

“Bem, é uma resposta interessante... aguarde um momento que eu vou checar meus arquivos e já volto.”

Ele deixa a sala e vai para seu escritório checar a ficha do suspeito no seu computador e volta com um sorriso satisfeito no rosto.

“Puxa, não dá pra acreditar! É verdade! O suspeito usa lentes de contato. Bom trabalho! Como você conseguiu chegar a essa conclusão?”

“Fácil!” – respondeu candidato.

“Ele não pode usar óculos porque só tem um olho e uma orelha”.

Avisos paroquiais (para final de missa)

Para os que têm filhos e não os sabem, temos na paróquia uma área reservada para crianças.

Na próxima quinta-feira, às cinco da tarde, se reunirá o grupo das mamães. As senhoras que desejem fazer parte das mamães, por favor, se dirijam ao pároco em seu escritório.

Tema da catequese de hoje: “Jesus caminha sobre as águas”. A Catequese de amanhã será: “Em busca de Jesus”.

Lembrem-se em suas orações de todos aqueles que estão cansados e desesperados de nossa paróquia.

O preço para participar do cursinho sobre “oração e jejum” inclui também as comidas.

Lembre-se que na quinta-feira começa a catequese para meninos e meninas de ambos os sexos.

Amenidades das atualidades

O canto lírico de Roberto Jefferson não tem dó. Só tem réu maior!!!

Não roube: o governo detesta concorrência.

Ladrão que rouba ladrão vive no Distrito Federal.

Estamos numa época em que o Fim do Mundo não assusta tanto quanto o Fim do Mês

A única diferença entre o político e o ladrão é que o primeiro a gente escolhe e o segundo escolhe a gente...

Deve haver, escondida nos subterrâneos do Congresso, uma escola de malandragens, golpes, perfídias e corrupção. Não é possível que tantos congressistas já nasçam com tanto conhecimento acumulado.

O demônio pergunta a São Pedro:

- Na falta de novidades, resolvi desafiá-lo para uma partida de futebol. Meu pessoal contra o seu. Aceita?

- Aceito. Mas a honestidade me obriga a dizer-lhe que você vai perder, pois tenho aqui os melhores jogadores do mundo!

- Não tem importância. Eu tenho aqui os árbitros...



FUNDAMENTALISMO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

*Crispação de opiniões – rejeição imposição – agressão – violência
Intolerância*

**Frei Cristovão Pereira ofm.
Convento São Francisco das Chagas
freicristovao@gmail.com**

Conta-se o seguinte caso ocorrido com um capuchinho missionário na China. Convidado para falar sobre os fundamentos da antropologia cristã na universidade de Xangai, o frade franciscano discorreu brilhantemente sobre o tema; porém, no final, para concluir, afirmou com toda a segurança, fundamentado na sua argumentação anterior: "Esses princípios constituem a expressão verdadeira de toda e qualquer visão antropológica que se conhece".

Foi, quando então, no fundo do auditório, um estudante chinês, alçou a voz dizendo: "Tenho um reparo a fazer sobre suas conclusões! Só conheço três verdades: uma, a minha; a outra, a sua; por fim, a verdade absoluta que se impõe por si mesma, que não é nem minha e nem sua, mas, de todos nós!"

Em tempos de transição, de grandes mudanças, mudança de época, quando tudo entra em crise, é questionado, sentimos, com maior ou menor grau,



inseguros. Muitos: confusos, desorientados.

A insegurança provoca, por vezes, atitudes de isolamento, de resistência à mudança; dificultando o diálogo, a abertura ao novo. Muitos, mais tímidos, se acautelam num mutismo pesado e doloroso. Já outros, se irritam, tornando-se agressivos, incomunicáveis, intolerantes.

O fundamentalismo se alimenta desta postura intransigente.

São muitos, vários os fundamentalismos: o ideológico, o religioso, o político, o econômico.

Tentemos precisar melhor o que vem a ser uma postura fundamentalista.

Na sua essência o fundamentalismo vem a ser a sacralização de minha verdade, da verdade do meu grupo, com o risco de tornarmo-nos fanáticos.

O fundamentalismo ideológico transforma seus princípios, doutrinas como as únicas verdadeiras e dignas de existirem.

O fundamentalismo religioso professa que suas crenças religiosas, o seu Deus sejam os únicos que mereçam existir; as

demais religiões devem ser eliminadas, pelo menos, na sociedade, em público.

O fundamentalismo político defende que determinado regime político como o mais acabado; os demais devem ser supressos. "Chegou-se ao fim da História"!

O fundamentalismo econômico faz do mercado a lei principal de todo processo produtivo: "Fora do Mercado não há salvação"!

"O drama de todos os fundamentalismos é, justamente, identificar a letra dos textos fundadores com a própria Palavra de Deus; ou, ainda, à maneira dos muçulmanos, como o Livro incriado que subsiste junto de Deus" (Cfr. Geffré, Claude, O futuro da religião entre fundamentalismo e Modernidade, in "Teologia para Outro Mundo Possível, L.C Susin org., Paulinas, SP, São Paulo, 2006: 231ss.)

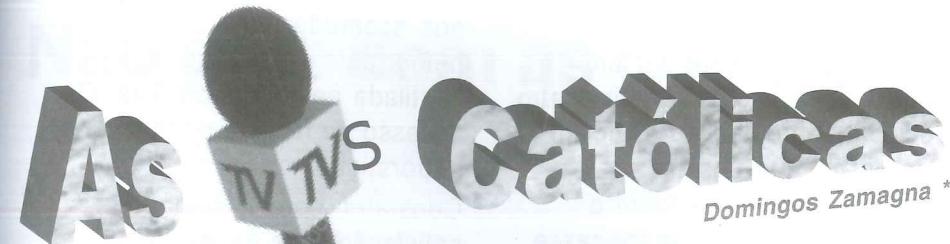
O fundamentalismo escriturístico, seja o de certa ortodoxia muçulmana, seja o de certos protestantes

neofundamentalistas, provém, sempre, de uma sacralização do texto sagrado e da ausência de uma leitura hermenêutica que leve a sério a contingência histórica de todo o texto (idem:328).

O fundamento do diálogo inter-religioso consiste em aderir, na fé, à verdade de minha tradição religiosa, reconhecendo, ao mesmo tempo, que a minha verdade não é exclusiva, nem sequer inclusiva, de toda outra verdade de ordem religiosa. (idem:328).

Segundo Geffré "O mistério daquele que chamamos de Deus ultrapassa as fronteiras e os limites de toda tradição religiosa."

Religião alguma pode arvorar-se dona e proprietária do mistério de Deus e de sua graciosidade reveladora. Afinal, somos todos filhos de Deus e seu coração é bem maior do que nossos pecados e de nossa vaidade em pensar que somos nós, não os outros, os únicos agraciados pelo único e verdadeiro Deus, o nosso Deus, e não o Deus de todos.



Quase não tenho tempo de acompanhar as programações de TV. Jornalismo e magistério não me dão mais tempo para a TV. Não me dão "mais" porque, durante 18 anos, fui jornalista de TV. Posso dizer que conheço um pouco desse veículo. Nas férias, porém, quis ver de perto como andam as chamadas TVs católicas. Fiz uma imersão nesse mundo e daí vai brotar um estudo que, complementado com outras observações, leituras e análises pretendo apresentar em sala de aula. Desde já posso antecipar algumas observações. Por tradição familiar e por formação, sou avesso a sofisticções, purismos, integrismos. Respeito e aprecio as expressões culturais e religiosas do povo simples - faço parte dele - mas não vejo razão para se cultivar manifestações simplórias ou distorcer tradições riquíssimas do cristianismo em vulgaridades modernosas, como as que o populismo midiático

costuma oferecer. Nem de longe tomo as TVs comerciais como modelo; trabalhei na maior delas, o suficiente para sentir-me vacinado contra o vírus do mimetismo. Sobre as TVs de algumas outras confissões, o mínimo de decência, ética, bom gosto impedem-me sequer de amealhar migalhas de paciência para apreciá-las. Elas próprias se desqualificam, e como!

Começo pelas surpresas desagradáveis. Desculpem-me a franqueza, a Igreja não merece o que vi. Custa-me crer que sejamos capazes de produzir programas de tão baixo nível; pareceu-me que fizemos um pacto com a feiúra. E se tivesse de adquirir todos os produtos anunciados, penduricalhos da fé (medalhinhas, bentinhos, livrinhos, romarias etc.) certamente faria um excêntrico depósito de apetrechos fúteis. Fiquei admirado com a quantidade de gente, alguns bastante jovens, semeando falsa segurança, "certezas" que não resistem aos mais moderados

questionamentos. Tive a impressão de presenciar um apagão teológico e regredir quatro séculos, sobretudo ao ouvir um "professor" que ensinava sandices como se fossem a ortodoxia da fé. Se ele chegasse ao nível do Concílio de Trento já seria excelente conquista. O índice de redundância pareceu-me tão elevado que, por um princípio de economia, praticamente nem precisamos assistir alguns programas para saber o que dirão ad nauseam. Quem se posta diante dessas emissoras costuma saber de cor o catecismo, possui a Bíblia, é dizimista, em casa tem provisão de água benta para meses, venera o Papa, respeita o clero, freqüenta os templos, empolga-se com as pompas litúrgicas, praticamente nem precisa dessas TVs, a não ser como reforço. Já os que mais precisariam da indispensável mensagem evangélica, pelo estratégico caminho da TV, certamente nem sequer entendem aquela linguagem predominante e soturnamente devocional.

Algumas dessas observações são mesmo para provocar a reflexão dos leitores. Sempre estive convencido que a TV pode ser um importante meio de evangelização. Mas não devemos

nos acomodar com essa hemorragia de religiosidade destilada pelas nossas TVs. O excesso de religião pode levar à superstição.

Constatei, porém, com satisfação, que essas TVs abrigam também valores. Clérigos, religiosos e leigos que, se forem apoiados e se dedicarem profissionalmente ao veículo, certamente apresentarão um trabalho de qualidade. Nas mídia estão os espaços mais privilegiados para a Palavra de Deus chegar ao povo. Feitas as devidas correções, essas TVs serão um rico potencial evangelizador; melhoradas, merecem nosso apoio.

Para não parecer radical, porque esse nunca foi o meu feitio, concluo: a TV é um veículo difícil de ser dominado. Consideremos que estamos na fase de aprendizado. Devemos ser compreensivos com as dificuldades encontradas, mas também exigentes, sem aceitar improvisações e pregações que se nivelem com as TVs de confissões pseudo-religiosas e exploradoras do povo. Não basta apenas falar. Ensinou o Pe. Antônio Vieira: "O que fazeis, isso sois, e nada mais".

* Jornalista e professor de Filosofia em São Paulo. Publicado por ADITAL.

Não grite com as crianças !

Levantar a voz é a melhor forma de não nos fazermos ouvir. É a expressão espalhafatosa de um sentimento de impotência.

Flavia Mazelin Salvi*

"Eu odeio gritos, mas não consigo deixar de dá-los. Tenho a sensação de que as crianças só me obedecem quando sentem que já perdi a paciência." Como muitas outras mulheres, Ana está submetida a uma mecânica dos gritos à qual obedece, como se o cenário nunca mudasse.

Quando é ultrapassado o limiar da tolerância, surgem os gritos para expulsar uma tensão interior que se tornou insuportável. Como se chega a esse ponto? Os gritos, alimentados pela ira, por um sentimento de injustiça ou de impotência, dão a impressão de controlar uma situação ou uma relação que é sentida como uma ameaça. "Na base, o grito é um comportamento de proteção. É por isso que não é preciso diabolizar sistematicamente os gritos, mas antes conservá-los como recurso excepcional. Quando se tornam uma forma de comunicação habitual, então é o momento de nos interrogarmos sobre o seu significado", afirma a fisiatria Stephanie H..

Nunca se grita sem razão

Os gritos são uma má resposta a uma boa questão. Grita-se para que os outros nos ouçam ou nos respeitem, ou para extravasar uma agressividade acumulada. E fica-se tão viciado nos gritos que não se reconhece mais a sua função.

Teresa tem 45 anos e duas crianças em idade de "testarem a minha capacidade de manter a calma. Quando a minha filha de quatro anos mede forças comigo, perco as estribeiras e entro numa espiral de gritos da qual saio sempre com um enorme sentimento de culpa e de vergonha de mim mesma. Eu sou a adulta, sou eu que devo dar o exemplo. Mas

estou trabalhando intensamente para parar com este padrão. E o que descobri é que a minha família vive agora muito melhor. Decidi que era tempo de mudar quando, um dia, a minha filha que tem sete anos, no meio de uma cena de gritos, me disse, muito calma: 'Mãe, já chega. Não grites mais que eu não gosto '.

"O pequeno grito irá tornar-se grande", constata a terapeuta Jeanne Simon. "O crescendo é inevitável." Não existe uma forma razoável de gritar... porque o grito é a expressão de um sentimento de impotência. Muitos são os pais que, apesar de adorarem os filhos, acabam por perder toda a possibilidade de comunicação com eles por causa de anos de gritos e de discussões. Para sair desta espiral, terão de fazer uma pequena sessão de introspecção: "O que é que acontece... se eu não gritar? O fato de gritar será medo de perder a autoridade? De ser dominada ou esquecida? Ou serão os gritos uma manobra de fuga face a uma dificuldade que não ouso enfrentar"?

Para renunciar aos gritos, é também necessário tomar consciência de que eles são perniciosos. "Enquanto não sentir que os gritos são um mau trato, que você está a infligir a si própria, continuará a acreditar que deles se podem tirar benefícios", sublinha Stéphanie.

Ora, essa agressividade é um verdadeiro veneno: Faz subir a pressão arterial, perturba as funções digestivas e provoca problemas de concentração e de sono... A ira se paga muito cara. Quem está sempre a gritar com uma criança ou com um familiar sabe que, de uma maneira geral, essa forma de comunicar conduz a um impasse. Perante os gritos, o outro se fecha, responde com agressividade, ou foge.

Não existem fórmulas mágicas para calar os gritos

Métodos do tipo "Juro que não vou gritar mais!" estão condenados ao fracasso. Porque sufocar uma emoção não faz com que ela desapareça. Há que adotar o caminho inverso. É preciso debruçar-se sobre o sofrimento ou a confusão que estão por detrás de uma fúria. Terminados os gritos, pode-se analisar as emoções que os provocam, em vez do desprezo e do sentimento de culpa. Os gritos têm então boas chances de desaparecer.

"Estava consciente de que o meu comportamento era inadequado à minha função parental, mas não conseguia agir de outra maneira", confessa Luísa, de 43 anos, mãe de uma menina de oito. "Perante o sofrimento da minha filha e também do meu, decidi pedir ajuda a uma psicóloga. O meu comportamento tinha uma história com várias décadas e os meus gritos faziam-me lembrar outros que tinha ouvido na minha infância. Eu repetia o padrão, repetia um modelo educativo que tinha 'herdado'. Não foi fácil parar, mas impus-me metas diárias: hoje não grito, amanhã também não. Compreender por que agia daquela forma ajudou-me na minha busca da paz familiar."

Uma outra sugestão é fazer uma pausa assim que sentir que se está a dois passos de perder a calma. E para evitar a inevitável escalada, o melhor é usar o que nos resta de sangue-frio para acabar com a discussão. "Quando os gritos fazem parte de um modo de 'comunicação' habitual, perdem sempre a sua força de discussão e são muito mais entendidos como uma confissão de fraqueza do que de força."

* Do livro : *Tristesse, Peur, Colère. Agir sur ses Émotions*. Edições Odile Jacob.

A Teologia da Libertação parte da situação dos oprimidos que, reunindo-se em comunidades, procuram juntos adquirir a verdadeira fraternidade e igualdade que lhes compete. A Teologia da Libertação não tem nada de marxista ou marxinizante. Ela é um esforço teológico para uma teologia realista, com os pés no chão, para estimular os cristãos a superarem, na luz da fé, amparados pela Palavra de Deus, uma situação pecaminosa. Trata-se de sair da opressão dependente que escraviza a pessoa humana a um sistema liberal do lucro a qualquer custo. Por isso é uma teologia libertadora. É uma teologia que só faz medo ao neocapitalismo, que não respeita a pessoa humana. A característica da Teologia da Libertação é precisamente o respeito pela pessoa humana. É uma teologia profundamente humanística. Em vez de perseguir-la e suspeitar do seu valor, é, antes, necessário promovê-la ao máximo. É a teologia da América Latina e de todos os povos injustamente oprimidos e dependentes. É preciso defendê-la e exaltá-la de todos os modos. Por isso, a Teologia da Libertação não morreu nem morrerá porque o ser humano não está morto, mas vive em Cristo Ressuscitado.

Proteção e Superproteção

Jorge La Rosa *

Distinguir proteção de superproteção é um desafio para os pais, já que a linha que separa os dois conceitos é tênue. Ainda mais num mundo onde a violência penetra na escola, invade as noites e se abriga, inclusive, nos lares. Como não escorregar, e cair na superproteção? As melhores intenções dos genitores são insuficientes, já que em matéria de educação, além dos propósitos, é preciso sabedoria que distingue a erva daninha da planta saudável.

O desenvolvimento humano ocorre em diversas dimensões: física, intelectual, sócio-emocional, espiritual, para falar nas mais abrangentes. Quando os pais são superprotetores em uma área, provavelmente o serão nas demais, evidenciando traço de personalidade. Adultos medrosos, inseguros, com percepção de que o mundo é hostil e inimigo têm probabilidade de serem superprotetores.

Qual a mensagem que a mãe está passando para o filho? Que ele

Bebês e crianças

A um bebê se dão a mamadeira e a papinha na boca, trocam-se as fraldas, limpa-se o bumbum, calça-se seu sapatinho e se o agasalha conforme a estação e temperatura. Ocorre, contudo, que o neném cresce, seus ossos se fortalecem e ganha estrutura muscular: engatinha, fica de pé, caminha, coordena movimentos, aprende a falar. Haverá um momento em que se tornará capaz de pôr os próprios sapatos, amarrá-los, fazer sua higiene quando vai ao banheiro, vestir-se, comer usando talheres e uma série de atividades que sua estrutura muscular e neurológica lhe permite: as crianças, chegadas nessa fase precisam ser estimuladas a realizar essas ações. Superprotetora é a mãe que continua fazendo pelo filho aquilo que ele é capaz de realizar.

é incompetente, incapaz de ações comezinhas que qualquer criança realiza. E quais são os sentimentos do filho? De inferioridade, de impotência, de falta de iniciativa, de minusvalia.

Na área intelectual

Outro exemplo de superproteção é o pai que faz pelo filho as tarefas escolares. Chamado a ajudar e estimular no filho sua capacidade de resolver problemas, fazendo-lhe perguntas e trazendo questões semelhantes às que deve resolver, não tem paciência, acaba indicando a solução. Como é que o filho, nessa circunstância, vai desenvolver seu raciocínio e evoluir intelectualmente?

Na área afetiva

Tomar decisões é outro terreno em que a criança progressivamente deve ser introduzida, sabendo que se torna responsável pelas mesmas. Os pais ajudarão a criança a avaliar as decisões possíveis em dada situação, os prós e os contra, as vantagens e desvantagens, assim como as consequências. Isso ajudará a criança a não decidir impulsivamente, sob o impacto de emoções, ou influências de

terceiros, mas desenvolverá a capacidade reflexiva e de análise que lhe permitirá perceber os valores embutidos em suas decisões, os riscos possíveis e as consequências positivas e negativas a que estará sujeita. Exemplos de situações em que os pais podem seguir essa estratégia: em dia de frio a criança quer ir para escola pouco agasalhada; quer fazer as tarefas escolares à noite, quando já está cansada; quer passar quatro horas por dia diante da TV ou navegando na internet; a pré-adolescente quer dormir na casa da colega no fim-de-semana; o adolescente quer ir de noite a uma festa e não ter hora para regressar; etc. Importante é o(a) filho(a) aprender a decidir, exercer sua liberdade com responsabilidade. Os genitores que decidem tudo pelos filhos, independente de sua idade, desenvolvimento e contexto, estão sendo superprotetores e impedindo a eclosão da maturidade afetiva. Não se nega que, em casos de grande risco não percebidos pelo filho(a), ou de filhos com personalidade rebelde, os pais façam valer suas decisões e não a de seus tutorados, quando esta atenta contra a segurança e integridade dos mesmos. A sabedoria identificará tais circunstâncias.

Perspectivas

Não é possível indicar todas as situações em que os pais podem ser superprotetores, assim como será difícil dizer que os pais nunca foram superprotetores, já que, aos menos em algumas oportunidades eles o foram, pois amam seus filhos que vivem em um mundo de violência.

A superproteção, também, não é uma questão de tudo ou nada, mas de grau. Há pais mais superprotetores e outros menos superprotetores. Os filhos estão

sendo criados para viver neste mundo e não em outro. Não podemos evitar todos os riscos, as dores que envolvem o processo de desenvolvimento. Podemos acompanhá-los amorosamente, conversando com eles, analisando as situações para desenvolver-lhes a capacidade reflexiva que os ajudará a exercer sua liberdade com responsabilidade, das quais nós mesmos precisamos ser, para eles, modelo.

* *Terapeuta de Família. Doutor em Psicologia.*

Cada família do MFC - uma assinatura por ano!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias:
VENDA OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO, UMA ASSINATURA DE

**fato
e razão**

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC

Assinatura anual: 30 reais (4 números)

Preço para o ano 2008

Distribuidora MFC de Fato e Razão

Rua Barão de Santa Helena, 68 - Juiz de Fora-MG - cep 36010-520

Tel./Fax (32) 3218-4239

**E-mail: fatoerazao@gmail.com
fatoerazao@yahoo.com.br**



Desafios do envelhecer

Dialogando com Benoîte Groult

Lúcia Ribeiro *

O belo romance de Benoîte Groult¹, ao apresentar o processo do envelhecer através da experiência vivida por sua principal personagem, levanta várias questões relevantes para a nossa reflexão. Embora vivenciando um contexto diverso, no Brasil, descobrimos vários pontos em comum e isto estimulou nosso diálogo.

A autora escreve de forma direta e realista. O diagnóstico que faz da velhice, por exemplo, é expressivo:

... "não somos apenas uma pele velha, isto a gente pode sempre

tirar de letra; somos feitos também de velhos ossos que se tornam porosos, de um velho estômago que suporta mal a deliciosa ardência do álcool, de um velho cérebro que submerge diante dos substantivos próprios e depois dos substantivos comuns, de velhas veias que se distendem enquanto as artérias, por sua vez, se enrijecem; e vivemos com um velho amor em quem observamos os mesmos sintomas ou sem nenhum amor, apenas com uma foto, imutável, em uma moldura de prata sobre a mesa de cabeceira." P. 23

Embora Groult chegue às vezes a apresentar a verdade nua e crua de

¹ Trata-se de *La touche étoile*, Ed. Grasset, Paris, 2006.

forma quase cruel, ao mesmo tempo trata o tema com um humor inteligente, que talvez seja a melhor forma de lidar com as inevitáveis limitações da idade.

A autora ressalta o fato do processo do envelhecer ser vivido de forma solitária. "Envelhecer é a mais solitária das navegações." Na realidade, ao nível do encontro mais profundo consigo mesmo, toda a vida é experienciada de forma solitária. A condição humana supõe um nível de intimidade da própria pessoa que é, em última análise, impenetrável e incomunicável. Como bem aponta D. Pedro Casaldáliga: "vivir es en honda gran medida caminar solo."² Mas talvez seja nesta etapa final da vida que os riscos de ter que conviver com a solidão – nem sempre voluntária – se intensificam mais. São vários os fatores que incidem no processo: as mudanças que se dão ao nível da vida profissional, seja através da aposentadoria ou de uma diminuição das atividades; as modificações da estrutura familiar, marcada pela síndrome do "ninho vazio"; as possibilidades de locomoção, que podem ser limitadas por diversos fatores externos, sem falar nas diretamente impostas por estados patológicos. A tudo isto podem se somar as condições de vida nas grandes cidades, onde a intensidade do ritmo de vida e as agendas superlotadas das pessoas, somadas a um individualismo crescente, facilmente deixam os mais idosos isolados. Não se pode

esquecer, entretanto, que, neste campo, a modernidade traz também benefícios importantes: a revolução da comunicação, com todos os meios à disposição – particularmente a informática – abre novos caminhos e pode ser uma maneira fundamental para que os idosos se mantenham conectados.

Por outro lado, voltando ao livro de Benoîte Groult, creio que, apesar de uma globalização uniformizadora, há (ainda?) diferenças culturais entre o 1o. e o 3o. Mundo. Ao retratar o ritmo parisiense atual, marcado pelo individualismo moderno, Groult só valoriza os laços familiares e afetivos, que parecem ser os únicos a se manter nesta etapa. Já no Brasil, tomando como base a experiência de um grupo da nossa geração de 60' e 70' anos³ – e sem nenhuma pretensão de generalizar para um país tão complexo – creio que estes laços podem ser até mais fortes. Por exemplo, na linha do cuidado com os mais velhos, embora as mudanças sejam extremamente rápidas – será que as novas gerações ainda manterão este padrão? – vejo (ainda!) filhos e filhas se dedicando à mãe, ao sogro, à tia...

Mas talvez a grande diferença com o livro de Groult esteja, para o nosso grupo, no fato dos laços familiares não serem os únicos: a dimensão do engajamento, tomado

num sentido amplo, está muito presente. Na novela, a personagem principal, embora tenha sido uma feminista histórica, encontra-se hoje desligada de qualquer grupo.⁴ E isto nos faz pensar que há um fator fundamental, para navegar serenamente nas águas, por vezes turbulentas, do envelhecer: o compromisso ativo e participante com um grupo, seja ele religioso, profissional, cultural ou de qualquer outro tipo. Sentir-se parte de um todo, assumir sua responsabilidade pessoal frente ao mesmo, fazer "a parte que lhe toca neste latifúndio" – por menor ou mais limitada que seja, como a gotinha d'água que o beija-flor trazia para apagar o incêndio da floresta, lembrando a história contada por Betinho – enfim, assumir, como se dizia nos anos 50's, "l'engagement" é, para nós, fundamental.

Outro aspecto interessante que Groult levanta, em relação à velhice, é a dimensão da acumulação de experiências.

"Os velhos acumulam todas as idades de sua vida. Todas as pessoas que eles foram co-habitam, sem contar as que teriam podido ser e que se obstinam a vir envenenar o presente, com suas queixas ou sua amargura. Os velhos não têm apenas setenta anos, eles ainda têm seus dez anos e também

⁴ B. Groult refere-se, inclusive, à (suposta) crise do feminismo, e aponta a responsabilidade das próprias mulheres, ao falar da "automysoginie".

seus vinte anos e depois trinta e depois cinqüenta e como brinde os oitenta outros que eles já vêm desabrochar. E todos esses personagens nos reprimem e reclamam porque sua parte nunca foi suficientemente boa: é preciso saber o que fazer para que se calem. Quando as definições se misturam e cada um pode se sentir miraculosamente jovem e desesperadamente velho, ao mesmo tempo, as certezas vacilam." P. 29

Tomar consciência deste torvelinho que carregamos dentro de nós pode ser um passo fundamental para fazer as pazes, finalmente, com nossa própria história. É importante reconhecer suas riquezas, mas também suas inevitáveis limitações, admitindo que o contexto histórico em que nascemos e vivemos nossa infância e nossa juventude nos ofereceu um determinado espaço, uma "consciência possível" – para usar o conceito de Lucien Goldmann – que estabeleceu seus próprios paradigmas e demarcou fronteiras. Aliás, é ter vivido neste espaço preciso, cronologicamente definido, que dá um sabor tão especial e único à convivência entre as pessoas da mesma geração; é isto também que nos torna capazes de transmitir esta experiência para os que não a viveram. Mas aqui, atenção! Não há que extrapolar nem imaginar que se podem propor – e menos ainda importar – modelos. A velocidade da mudança, nas últimas décadas, nos impede qualquer veleidade neste campo. Sobre este ponto, aliás, Benoîte Groult é categórica:

² Ver, do autor: *El tiempo y la espera*, Ed. Sal Tierra, Santander, 1986.

³ Ver, sobre as características deste grupo: Lucia Ribeiro – *Um outro envelhecer é possível* – Mimeo, Rio de Janeiro, 2006.

... "vocês são a primeira geração a fazer uma descoberta realmente terrível: aquilo que vocês tinham de precioso e de importante a transmitir não interessa mais a seus descendentes. Quanto à sua experiência, é bem simples, eles a desprezam. Eles não têm nada a aproveitar dela, no mundo em que vivem, habitados pela certeza de que não serão jamais semelhantes a vocês." P. 15

Aqui, na realidade, creio que Groult exagera. É certo que as diferenças entre as gerações nunca foram tão acentuadas, mas admitir este fato não significa estabelecer um abismo intransponível. As possibilidades de diálogo são reais, embora talvez mais difíceis; o que sim se exige hoje é um esforço maior e, sobre tudo, uma dimensão de respeito mútuo e de tolerância que – convenhamos – nem sempre predominam, nem de um lado nem de outro.

Por outro lado, Benoîte Groult tem uma intuição rica, quando descreve a dificuldade de se aceitar como idoso.

"Envelhecer é o destino comum, todos sabem. Vagamente. O conceito segue sendo abstrato e esta consciência do destino coletivo da espécie não prepara de forma alguma para a experiência solitária da SUA velhice e da dilacerante vivência da SUA morte. (...) Se soubéssemos, de uma vez por todas, que somos uma "pele velha" nos habituaríamos. O

drama é que no começo a gente esquece... E depois, um dia, é absolutamente necessário admitir que somos definitivamente velhos. É aí que realmente balançamos e que é necessário repreender tudo." P. 22

E neste processo, inclusive, a autora admite, mais adiante, uma verdade que considera incômoda: "nos tornamos velhos diante do olhar dos outros muito antes de sê-lo aos nossos próprios olhos." Groult não fala diretamente do preconceito existente hoje, em face do "jeunisme" predominante, mas aponta implicitamente para sua presença e sua internalização nos próprios idosos. Ciita Ménie Gregoire, outra escritora famosa nos anos 70's, que dizia: "ao completar sessenta e cinco anos, tive a impressão de que isto era um delito." Também no caso da personagem da novela, esta percebe que os outros a vêem como "culpada de ser septuagenária". E segundo esta lógica só haveria uma forma de redimir-se:

"No ambiente de trabalho, me toleram com a condição de que eu não revele a verdade sobre a idade e não manifeste nenhum sinal que incomode. Jogo docilmente a comédia de que 'todo mundo é jovem, todo mundo é gentil.' P. 25

Através de uma ironia fina, a autora consegue retratar bem o preconceito e as formas de negar a

velhice, percebida como uma realidade incômoda. Ao mesmo tempo, Groult expressa uma certa perplexidade, diante da rapidez da mudança:

... "gostaria de compreender de que forma o respeito pelos velhos, tão poderoso durante a Antiguidade, nas civilizações africanas ou indígenas e mesmo ainda na Europa, no século passado, pôde soçobrar na nossa sociedade moderna." P. 27

Será esta uma característica da modernidade? O paradoxo é que, na etapa atual, tal ausência de respeito começa a ser questionada, já que foi justamente esta mesma modernidade que conseguiu, através dos progressos tecnológicos e científicos, reduzir os índices de natalidade e ao mesmo tempo aumentar a esperança de vida, ou seja, ter uma população crescentemente mais velha. E não se trata apenas de um fenômeno demográfico. O processo do envelhecer, hoje, vem passando por profundas mudanças, tanto no campo social e econômico, quanto no biológico e no psíquico, que necessitam ser levadas em consideração.¹⁵

Por outro lado, a possibilidade de compreender a velhice, na perspectiva da autora, se vê diante de um impasse:

"O problema é que para escrever validamente sobre a velhice é

¹⁵ Ver, a respeito, L. Ribeiro – op. cit.

preciso ter penetrado na velhice. Mas, neste caso, ela também penetrou em você e o torna pouco a pouco incapaz de apreendê-la. Não se saberia tratar do assunto senão suficientemente idoso... mas não se é capaz de falar do tema se algo de juventude não permanece em cada um." P.27

A solução, para Groult, estaria em aproveitar o momento em que há uma intersecção entre estas duas situações. Também para nós, talvez seja este o momento para refletir sobre o tema. E parece-nos fundamental fazê-lo coletivamente, trocando experiências e descobrindo novas perspectivas.⁶

O desafio de acompanhar o ritmo efervescente das mudanças tecnológicas é também mais um ponto de reflexão. Para a autora, jornalista e formada em letras, entrar no mundo da informática coloca-se como uma exigência indispensável; isto implica, entretanto, uma série de dificuldades para os septuagenários de hoje. A forma como Benoîte Groult as descreve, com irresistível humor, leva a pensar que é importante estabelecer prioridades, selecionando o tipo de mudanças que não se pode deixar de acompanhar, e abrindo mão de todas as outras. É óbvio que ninguém de mais de 70 é obrigado a entender de tudo...

⁶ A importância desta reflexão coletiva se expressou claramente na riqueza do seminário realizado em Guapimirim, em 2005,

Finalmente, depois de uma revisão implacável de todas as perdas que o envelhecer implica, a autora descobre – à guisa de compensação – um ganho que para ela se concretiza em uma sensibilidade mais aguçada:

"Curiosamente, sou cada vez mais sensível à beleza das coisas; tanto as pequenas maravilhas como os grandes espetáculos se unem para me deixar com lágrimas nos olhos: o azul do mar, o vôo das cegonhas, a roseira que me oferece sua primeira rosa (...) E a poesia, que redescubro com uma emoção de adolescente. E também os homens, algumas vezes.. será que a atração pelos homens se perde em algum momento? Fico quase chocada ao sentir, às vezes, no cinema, hoje como ontem, algo da emoção da heroína quando o homem que ela ama a toma finalmente em seus braços". P. 278

A beleza desta sensibilidade redescoberta não é suficiente, entretanto, para esgotar a gama de espaços abertos aos idosos, que, a nosso ver, é muito maior. Ao afirmar que "um outro envelhecer é possível" tentamos, justamente, explorar uma série de possibilidades que – embora nem sempre visíveis à primeira vista – podem ser atualizadas e, mais que isso, construídas, nesta etapa da vida.⁷

Para terminar, há um ponto que Groult não aborda, mas que está

presente, hoje, tanto na realidade francesa como na nossa. Trata-se da identificação da velhice com posições ideologicamente conservadoras. Em matéria recentemente publicada, sobre as previsões para a eleição presidencial na França, estimava-se que na região da Côte d'Azur o candidato da direita teria sua vitória garantida, por ser uma área onde predominam as pessoas idosas.⁸ Aliás, é um lugar-comum afirmar que "o jovem incendiário se transforma, com a idade, em bombeiro." (E nem falemos de declarações recentes do nosso Presidente...) Até que ponto esta associação simplista não esconde um preconceito latente? Ou haveria realmente, entre idosos, uma tendência à acomodação e à aceitação do "status quo"? O exemplo de alguns octogenários, como Mário Pedrosa, ou mesmo de nonagenários, como Oscar Niemeyer ou Maria Amélia Buarque de Holanda, vêm imediatamente à cabeça, para contradizer a afirmação acima.

O que me parece certo é que não se pode estabelecer uma relação causal levando em conta apenas estas duas variáveis. Na medida em que a velhice é vista não como um elemento estático, em abstrato, mas sim como um processo que se dá dentro de um contexto histórico, as posições político-ideológicas dos idosos vão depender muito mais das formas concretas em que este processo se dá do que de uma mera

cronologia mecanicamente determinante.

Entretanto, talvez se possa afirmar que o grande risco, ao envelhecer, não é tanto o de assumir uma posição necessariamente conservadora, mas simplesmente o de ir se desligando da realidade concreta, o de ir se alheando de um contexto no qual as iniciativas e os projetos pessoais podem começar a se diluir, na previsão de um tempo ainda disponível por um lapso indeterminado, mas que certamente é finito. Tomar consciência da finitude – e da sua finitude concreta, individual – pode levar a pessoa a um certo despojamento, que certamente tem um lado de sabedoria, na busca do essencial. Mas levado ao extremo, esta tendência pode chegar a um total relativismo ou ao ceticismo, que pode terminar, talvez, por confirmar as posições conservadoras.

Este risco está presente, em maior ou menor grau, entre as pessoas idosas e a única forma de evitá-lo me parece ser uma tomada de consciência lúcida e corajosa, que possibilite fazer as opções necessárias e construir espaços – sem negar as dificuldades reais nem as limitações crescentes – para manter uma posição ativa e participante no mundo.

Outro risco é deixar-se dominar pela sensação de "já ter vivido o bastante" ou por um certo cansaço de viver.

"Cansaço da vida, cansaço de tudo,

Velhice chegando e eu chegando ao fim.
Ninguém me ama, ninguém me quer..."

- cantava Caymmi.

Implicitamente, a canção já indica o antídoto: manter e alimentar relações afetivas, abrir-se ao outro, aos outros. Está estatisticamente demonstrado que os idosos que vivem sós morrem mais cedo...

Por outro lado, acentuar os aspectos negativos da velhice leva ao debate – hoje muito atual – sobre a eutanásia. O desejo de ter uma "morte digna" – perfeitamente justo e normal – pode suscitar questões sobre a liberdade de colocar um término à própria vida, quando esta perde características consideradas fundamentais. Na realidade, os progressos tecnológicos atuais permitem ampliar a extensão da vida, mas nem sempre garantem sua qualidade. E quando esta "sobrevida" se reduz a uma vida vegetativa, que só pode ser mantida de forma artificial, certamente a liberdade de escolha pode se exercer plenamente.

Já a alternativa de atuar diretamente para colocar um término à vida – que ainda se mantém de forma natural – abre espaços à controvérsia. No caso da novela em questão, a autora se posiciona claramente a favor da possibilidade de decidir voluntária e livremente o momento da partida definitiva. Ao assumir tal opção, a personagem do romance, que se percebe em uma situação na qual as limitações se acentuam, justifica-se: "é por amor à vida que

⁷ Ver, a respeito, L. Ribeiro, op. cit.

⁸ Ver "O Globo" – 16/4/2007



eu desejaria deixá-la a tempo, não sem uma pena terrível.⁹ Dentro da sua lógica, tal opção é – se não justificável – pelo menos compreensível.

Entretanto, esta posição é muito mais difícil – quando não diretamente inaceitável – para os que têm uma visão ética de respeito e reverência pelo mistério da vida. E com mais razão para os que vivenciam uma fé religiosa: ao considerar a vida como um dom gratuito do Criador, reconhecem que só Ele tem o direito de interrompê-la.

Reconhecer convergências e divergências torna o diálogo com Benoîte Groult extremamente instigante e enriquecedor. E nos estimula a aprofundar a reflexão sobre a temática inesgotável – e ainda insuficientemente conhecida – do processo do envelhecer e dos desafios que apresenta para o mundo de hoje.

***Lúcia Ribeiro é socióloga e escritora.**

⁹ B. Groult participa da associação «pelo direito de morrer com dignidade», que propugna tal opção.

Escravos de nossas palavras

Certa vez, um homem tanto falou que seu vizinho era ladrão, que o vizinho acabou sendo preso. Alguns tempo depois, descobriram que era inocente. O rapaz foi solto, após muito sofrimento e humilhação, e processou o homem.

No tribunal, o homem disse ao juiz: - Comentários não causam tanto mal...

E o juiz respondeu:

- Escreva os comentários que você fez sobre ele num papel. Depois pique o papel e jogue os pedaços pelo caminho de casa.

Amanhã, volte para ouvir sentença! O homem obedeceu e voltou no dia seguinte, quando o juiz disse:

- Antes da sentença, terá que catar os pedaços de papel que espalhou ontem!

- Não posso fazer isso, meritíssimo! - respondeu o homem - O vento deve tê-los espalhado por tudo quanto é lugar e já não sei onde estão!

Ao que o juiz respondeu:

- Da mesma maneira, um simples comentário que pode destruir a honra de um homem, espalha-se a ponto de não podermos mais consertar o mal causado. Se não se pode falar bem de uma pessoa, é melhor que não se diga nada!

POEMA

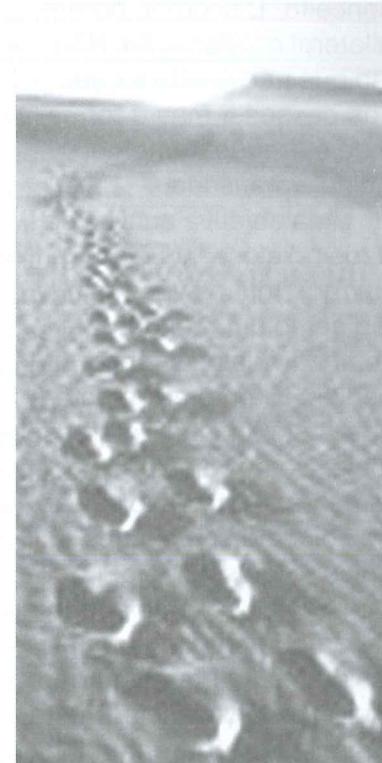
Beatriz Reis

velhinha, velhinha,
caminhos seguindo
cantando, chorando,
sigo teu chamado.

caminhos seguindo
sondando horizontes
procuro tua face
encanto dos meus dias

Às vezes me sento
sob o peso da vida
canta meu coração
em uníssono com o teu.

O silêncio do cosmos
se une ao canto meu
calam-se as palavras
repousa meu coração.



A Vinha

Pe. Charles Borg *



"A religião serve somente para iludir pessoas e camuflar suas falsidades e injustiças!" Foi esta a crítica, contundente, que ouvi de um profissional liberal durante um debate do qual participei, fora do país. O meu interlocutor se referia a todas as religiões, dando destaque, porém, à religião cristã. Serena, mas incisivamente, detalhava comportamento incoerente de gente que se considera religiosa, e emendou, é gente que ora, mas ignora o semelhante. Preces, cânticos e catecismos ocupam e distraem multidões e lhes passam a convicção, ambígua e cômoda, de estarem de bem

com a divindade. Ambígua, explicava ele, pois enquanto louvam o Criador são incapazes de enxergar o semelhante e permanecem negligentes diante das injustiças. Cômoda, porque reconhecem como obrigações algumas observâncias rituais, geralmente inconseqüentes. A religião serve para anestesiar consciências medrosas, concluiu... Contundente censura, e parcialmente procedente! Admiti, esta falta de continuidade entre o que se professa e o que se pratica no cotidiano mancha a religião e deturpa seriamente o seu conceito. Discordei, porém, da unilateral condenação. Não é a religião que não presta e que ilude as pessoas, mas a forma com que é, freqüentemente, entendida e praticada.

Uma objetiva análise da realidade religiosa induz a concluir que muitos vêem a religião como um meio para progredir na vida ou superar obstáculos. É uma ferramenta a mais para encaminhar interesses pessoais. Nesta visão, tão amplamente difundida, o sujeito não se coloca a serviço dos princípios religiosos, pelo contrário, deles se tenta apoderar para acomodar suas necessidades. Ou também para acalmar sua consciência. Nesta ótica, a religião não é entendida

como uma convocação para abraçar um jeito diferente e exigente de ser e de viver, um desafio que demanda uma opção consciente e decidida, mas apenas como uma seqüência de obrigações piedosas. Algumas destas observâncias são periféricas, mas acabam, gradualmente, revestidas de um valor tão absoluto a ponto de pôr na sombra os legítimos pilares que identificam e dão consistência à verdadeira religião. Opera-se desta maneira, a descaracterização da religião! É comum, e conveniente, camuflar a conduta com o culto! Nesta visão de religião vale mais o aparecer do que o ser. Em muitas cidades, as sessões do legislativo municipal são realizadas sob a sagrada imagem da Cruz e abertas com a leitura de um trecho bíblico, louváveis iniciativas sem dúvida, mas inócuas e incoerentes, se não forem acompanhadas por legítimas posturas e opções evangélicas por parte dos políticos, tanto durante as sessões quanto na condução da política local.

Jesus Cristo se desdobrou, durante o seu breve, mas intenso, ministério, na tarefa de recolocar em evidência os verdadeiros valores constitutivos da religião querida pelo Criador.

Com admirável pedagogia, percepção e ousadia, resumi a dois mandamentos todo o conteúdo dos Livros Sagrados, convencendo e conduzindo seus seguidores a compreenderem que pouca valia existe em conhecer os textos sagrados e em participar com assiduidade de rituais, se não pautar a própria conduta por estes mandamentos. Chegou, inclusive, a demonstrar, e a admoestar, que filiação e prática religiosa por si só não são garantia de nada. Apenas iludem, e desapontam, como a vinha que, apesar dos cuidados do agricultor, produz uvas azedas. Lembrou o Mestre que o Eterno nunca se impressiona com o fausto dos templos, nem com a solenidade dos rituais e muito menos com a loquacidade das preces. Deus olha o coração, pois é aí que se encontram os sentimentos que ditam comportamentos. Pouca valia tem, de fato, a religião se não mudar corações!

A Vinha está plantada, e com capricho. Com zelo o Agricultor a aduba e rega... por que a demora em produzir uvas doces?

* Vigário Geral da Diocese de Araçatuba, autor do livro *Vinha Comer*, Ed. Edusc

e-mail: charlsbg@terra.com.br



Lenda Chinesa

Lin se casou e foi viver com o marido e a sogra. Depois de algum tempo, ela passou a não se entender com a sogra. As duas tinham gênios muito diferentes e Lin se irritava com os hábitos daquela mulher e a criticava o tempo todo. O tempo passou, mas Lin e a sua sogra, continuavam discutindo e brigando cada vez mais. De acordo com antiga tradição chinesa, a nora deve obediência à sogra.

Porém, Lin, já não suportando mais conviver com a sogra, decidiu tomar uma atitude e foi visitar um amigo de sua família. Depois de escutar Lin, o homem pegou um pacote de ervas e disse:

- Minha filha, vou lhe dar várias ervas que vão envenenar sua sogra lentamente. Você não pode usá-las de uma só vez para se livrar dela, porque pode causar suspeitas. Por isso, a cada dois dias, ponha um pouco destas ervas na comida dela. Agora, para ter certeza de que ninguém suspeitará de você quando ela morrer, tenha

muito cuidado e comece a ser carinhosa com ela. Mas, atenção, eu a ajudarei a resolver seu problema, mas você tem que seguir todas as minhas instruções. Lin prometeu que seguiria todas as orientações e voltou para casa feliz e muito disposta a começar o projeto de matar sua sogra.

O tempo foi passando. A cada dois dias, Lin servia a comida para a sogra sempre lembrando das recomendações do homem para evitar suspeitas. Então, controlava seu temperamento, obedecendo a sogra e a tratando como se fosse sua própria mãe.

Depois de seis meses, a casa estava em harmonia, em perfeita paz: Lin tinha controlado o seu temperamento, e dificilmente se aborrecia. Durante esse tempo, não discutiu com a sogra, que agora parecia mais amável e mais fácil de lidar. A sogra, também mudou suas atitudes e, então, as duas passaram a se tratar como mãe e filha.

Um dia, Lin novamente foi procurar o homem para lhe pedir ajuda e implorou:
- Por favor! o senhor precisa me ajudar a evitar que o veneno mate minha sogra. Ela se transformou numa mulher adorável e eu a amo como se fosse minha mãe! Não quero que ela morra por causa do veneno que eu lhe dei. Por favor, me ajude! O velho homem, bem tranqüilo, deu um sorriu e falou para Lin:

- Não se preocupe, minha filha! As ervas que lhe dei eram vitaminas para melhorar a saúde de sua sogra. O veneno estava na sua mente e na sua atitude, mas foi jogado fora e substituído pelo amor que você passou a dar a ela.

A primeira fecundidade do casal é sua própria criação

‘Construir-se a si mesmo’ parece um tanto paradoxal, pois “fecundidade” nos leva a pensar em outra coisa que não seja si-mesmo. Entretanto existe, sim, a experiência de auto-engendrar-se, especialmente expressa no encontro amoroso: Uma sensação intensa de viver uma relação nova e excepcional, onde o passado se dissipa e fica a força da presença. Este é o tempo embrionário do casal, que o vive como um momento de eternidade, com a ilusão de uma relação quase perfeita e já definitivamente conquistada. Entretanto, se este casal inicial traz dentro de si o casal de toda uma vida, saiba ele que este é apenas o início e importa delineá-lo, dia a dia, numa longa construção jamais totalmente acabada. É neste sentido que o casal é fecundo de si mesmo e que ele é vivo. Porque se, desde a origem, ele atingisse a perfeição, não lhe restaria senão morrer.

Dar à Luz o Próprio Casal

Deonira L. Viganó La Rosa *

Que condições são necessárias para levar a cabo este projeto de casal?

Podemos dizer que a primeira condição é a duração. Toda relação tem necessidade de duração para instalar-se e tomar consistência. A relação conjugal – diferentemente de relações mais parciais como as de trabalho, lazer, e mesmo de amizade e de família - engloba a totalidade de

cada cônjuge, corpo e espírito; ela tem ainda mais necessidade de durar para se construir. Se você pensar um pouco, vai perceber que é justamente o fator tempo que vai permitir o crescimento do casal. Cada vez que alguém recomeça, com outra pessoa, retrocede à nidação do casal.

Entretanto, responder às expectativas afetivas, fazer acontecer o prazer sexual,

harmonizar as convicções morais e espirituais, é um projeto de tal envergadura que, se a duração é necessária, podemos afirmar que ela não é suficiente.

Um casal morto pode durar junto: Um casal morto é um casal que não se constrói mais, que renunciou a seu projeto comum, mas que pode assim mesmo coabitar.

Desejo, vontade e vigilância

O motor da construção do casal reside no desejo e na vontade de cada cônjuge de fazer nascer e crescer o seu casal, o “nós”. Pode-se construir algo até o fim, sem desejo e vontade? O desejo de tornar-se feliz junto com o cônjuge está ali, na origem do casal. Quanto à vontade, ela é necessária, porque certas escolhas amorosas se tornam quase impraticáveis na realidade cotidiana. Às vezes aquilo que é de um, destrói o do outro. Quando os parceiros constatam incompatibilidades, divergências e incompreensões, só o desejo não



é suficiente para construir a felicidade, é preciso ter vontade e decisão de ficar juntos. O desejo inicial morre porque já não há cuidado, ele passa a ser tratado como se tivesse sido adquirido para sempre. A vigilância deve circundar o desejo. Vigilância que nos proíbe de instalar-nos numa relação conjugal, por mais agradável e confortável que seja, sem estar atentos aos pequenos sinais discordantes; vigilância que nos força a nos interrogar sobre a qualidade de nossa comunicação verbal e corporal, sobre

nossa capacidade de nos compreendermos nas diferenças, nos limites, nas dificuldades. Vigilância também no equilíbrio, frequentemente difícil, entre o investimento na vida conjugal e todos os outros investimentos profissionais, parentais, culturais. Vi tantos casais para os quais o “tempo de casal” ia se dissipando,

agrilhado por toda sorte de obrigações. Poderíamos questionar seu desejo de estarem ainda juntos. Eles haviam esquecido de estar vigilantes. A vigilância repousa sobre uma consciência lúcida de nossas faltas recíprocas em estar à altura do projeto que nutre nossa felicidade.

Criatividade

“Meu marido é para mim mais que um desejo, é uma necessidade” - dizia uma jovem esposa, sem perceber o quanto este lado imperativo da necessidade truncava a evolução do casal. A necessidade não suporta a frustração. Ela quer sua resposta. E a resposta pode engendrar revolta e cólera. Será que podemos falar de amor em uma relação baseada na necessidade? Ela nos recorda, antes, a necessidade que o bebê tem de sua mãe. Se esta necessidade faz parte do início da

vida, também é fundamental investir em outras relações totalmente gratuitas. Devagar o casal aprenderá que a frustração não é a morte e que uma decepção pode abrir outras respostas possíveis.

Um casal que tem diante de si 20, 30, 60 anos de vida conjugal a construir, tem necessidade de ser um casal capaz de criatividade para provocar sua evolução. Para inovar na maneira de tornar-se feliz o casal deverá integrar a maturação de cada um, seu envelhecimento, seus tantos fatores de mutação... A felicidade está sempre para ser inventada, ela não é um dom como podemos sonhar.

* Terapeuta de Casal e de Família.
Mestre em Psicologia
Leitura Base: D. Balmelle, Revue
Alliance

Existe uma rua no Rio de Janeiro, no bairro de São Cristovão, chamada “PEDRO IVO”. Quando um grupo de estudantes foi tentar descobrir quem foi esse tal de Pedro Ivo, descobriram que na verdade a rua homenageava D. Pedro I, que quando foi rei de Portugal, foi aclamado como “Pedro IV” (quarto). Pois bem, algum funcionário da prefeitura, ao pensar que o nome da rua foi grafado errado, colocou um “O” no final do nome. O erro permanece até hoje...

*Quero a utopia, quero tudo e mais
Quero a felicidade dos olhos de um pai
Quero a alegria, muita gente feliz
Quero que a justiça reine em meu país.*
(Milton Nascimento e Fernando Brant em Coração Civil)

A menina esquecida

Cecília Pires *



Esta é uma história do cotidiano da violência neste país de grandes geografias e pequenezas morais. Uma menina foi “esquecida” na prisão de Abaetetuba, no Pará, no norte desta terra continental.

Esquecida por quem? Quem sabe de sua vida? A menina violada na prisão aguardava o quê? Esperava que tipo de determinação da Justiça? Estava sob os cuidados de qual autoridade?

Quem embalou essa menina quando nasceu? A quem contou seus segredos e sonhos de menina-moça, antes de ser jogada na prisão paraense, como

punição por seu delito? Quem a ouviu? Ajuíza? A delegada? O conselho tutelar? As instâncias do poder político e do poder jurídico? O que se sabe é que um outro prisioneiro foi o único que se sensibilizou diante desse quadro dantesco. Ao sair da prisão denunciou a situação da menina vitimada na prisão. Ele a ouviu, ele exerceu sua cidadania de forma solidária. É possível que não lhe façam nenhum reconhecimento e que continue esquecido às margens da vida, mas nós não podemos esquecer seu gesto, sua ação moral.

Os que a violentaram devem ter ouvido seus gritos,

seus pedidos de socorro, sua rebeldia e finalmente seu silêncio. A menina deixada ao sabor de uma sorte sem padrinhos tem apenas 16 anos de idade, completados no dia 10 de dezembro, exatamente no Dia Internacional dos Direitos Humanos. A menina-mulher que serviu de manjar vampiresco aos seus algozes estava num lugar guardado por autoridades que deveriam protegê-la e preservá-la para que a Justiça se efetivasse. Seu único dia de repouso sexual semanal era nas quintas-feiras, dia de visita das esposas aos seus maridos prisos.

Seu nome? Não interessa. Sua idade? Parece que também não conta. Seu pai e sua mãe? Intimidados, submetidos às ameaças dos que podem e fazem o registro do poder naquela região, ficaram à espreita de que a filha estivesse num lugar seguro.

O ultraje da menina amazônica é o ultraje de todos nós, brasileiras e brasileiros que desejamos a materialidade ética na esfera pública. Nossa indignação de sujeitos

livres, mulheres e homens, não pode se calar frente ao descaso como essa anônima menina foi tratada na prisão de Abaetetuba por quem deveria cuidá-la, em nome da lei e da Justiça.

E a lei para que serve, senão para proteger os sujeitos em quaisquer condições?! A Justiça não está encarregada da moralidade pública? Quem é responsável pelo que aconteceu no Pará, na nebulosa prisão em que uma menina era submetida ao ritual criminoso de uma cela promíscua? Quem preserva o cidadão? A Justiça? A força? O poder? São todos juntos?

Então, o que ocorreu com essa menina, cuja condição humana foi negada sob todos os aspectos, estando sob a guarda da Justiça? O que ela experimentou não foi apenas um abandono fortuito numa prisão, mas um tipo de morte. Mataram sua dignidade, violentaram sua subjetividade, aniquilaram sua história ainda criança. Qual é o limite do mal, perguntam-se os filósofos, para que se possa entender o bem?! Até quando os humanos se destruirão?!

Nesse episódio que repete a história de uma vida de escassez, temos que nos perguntar: a quem serve a Justiça? Quem é o aplicador da lei? A quem cabe guardar os costumes? É o Estado e seus agentes? É o cidadão comum? São as instituições sociais e políticas da sociedade civil?

A menina esquecida pode se tornar um sinal de que algo

não vai bem na nossa jovem democracia: o registro de que a igualdade de oportunidades não está sendo acolhida pela Justiça. Que fazer? Uma revolução ética, um reiterado grito a favor da moralidade pública, para que nenhum agente do Estado arroque para si o julgamento de debilidade sobre uma menina que

foi entregue à Justiça para ser recuperada, não para ser violentada. E aqui fica a pergunta final e conclusiva: Quem deve ir aos tribunais?

** Professora de Ética e de Filosofia Política da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS-RS*

Os Cinco Macacos...

Um grupo de cientistas colocou cinco macacos numa jaula. No meio, uma escada e sobre ela um cacho de bananas.

Quando um macaco subia na escada para pegar as bananas, os cientistas jogavam um jato de água fria nos que estavam no chão.

Depois de certo tempo, quando um macaco ia subir a escada, os outros o pegavam e enchiam de pancada. Com mais algum tempo, nenhum macaco subia mais a escada, apesar da tentação das bananas.

Então, os cientistas substituíram um dos macacos por um novo. A primeira coisa que ele fez foi subir a escada, dela sendo retirado pelos outros, que o surraram. Depois de algumas surras, o novo integrante do grupo não subia mais a escada.

Um segundo macaco foi substituído e o mesmo ocorreu, tendo o primeiro substituto participado com entusiasmo na surra ao novato.

Um terceiro foi trocado e o mesmo ocorreu. Um quarto, e afinal, o último dos veteranos foi substituído.

Os cientistas então ficaram com um grupo de cinco macacos que, mesmo nunca tendo tomado um banho frio, continuavam batendo naquele que tentasse pegar as bananas.

Se fosse possível perguntar a algum deles porque eles batiam em quem tentasse subir a escada, com certeza a resposta seria: "Não sei, mas as coisas sempre foram assim por aqui".

(Recado para nós...)



Fotos

Pequena mostra da devastação sistematicamente praticada na floresta amazônica. Crianças representando os povos indígenas que vivem sob permanente ameaça à sua sobrevivência.

Fatos

A imprensa tem divulgado periodicamente contundentes estudos que nos alertam sobre as consequências das agressões contra o meio ambiente.

Ocupa também grande espaço com o debate sobre o direito e a conveniência de se preservar grandes áreas de terra para uso dos indígenas

Razões

É justa a busca desenfreada de benefícios econômicos, predominantemente particulares, com o sacrifício de significativos grupos étnicos? Pode e/ou deve prevalecer o interesse particular acima do interesse coletivo? Até quando nossas autoridades constituídas se submeterão aos abusos do poder econômico?

Confiamos que o STF julgará com absoluta imparcialidade e com pleno espírito de justiça a questão das reservas indígenas.

Audiovisuais em DVD

O MFC e o Instituto da Família – INFA oferecem programas em DVD.
Em cada DVD, vários programas de 15 minutos.

“Bate-papos” provocativos sobre questões que afetam a família e a sociedade. Para serem usados

- em reuniões de equipes e grupos do MFC
- em reuniões de pais e professores nas escolas
- em canais de televisão, rádios e TVs Comunitárias
- em encontros de noivos ou de casais
- em múltiplos outros eventos.

Para encomendar: Livraria MFC
Telefax: (32) 3218-4239 - e-mail: livraria.mfc@gmail.com

DVDs já disponíveis:



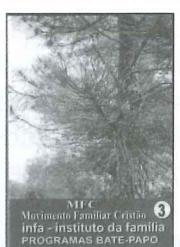
DVD 1

- “Drogas: dependência e recuperação”
- “Drogas: mitos e preconceitos”
- “Violência na família”
- “Família na escola”
- “Diálogo & diálogo”
- “Violência e insegurança”
- “Separações e divórcio”



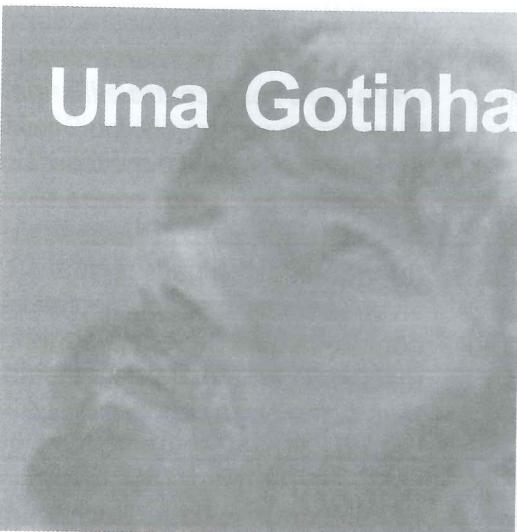
DVD - 2

- “Drogas desafio para o educador”
- “Drogas: da negação à onipotência”
- “Criança agressivas”
- “Aprendizagem bloqueada”
- “Cuidar da voz”
- “Motricidade oral”
- “A família moderna”
- “Sexualidade”



DVD - 3

- “Violência urbana”
- “Insegurança e medo”
- “Idade e maturidade”
- “Ética – princípios que regem as relações humanas.”
- “Ética na política”
- “Auto-estima sem narcisismo”
- “Casamento rompido”
- “Relacionamento conjugal e familiar”
- “Identidade e auto-realização”



Uma Gotinha de Tempo no Oceano da História

Itamar D. Bonfatti *

Enquanto INSTITUIÇÃO HUMANA a Igreja de Deus sofreu constantes influências dos séculos. E assim continuará não como sinal mas como SINAL. Ela jamais poderá fugir da sua constante faceta terrena e por isso mesmo limitada através dos tempos. Uma pena- seja por falta de oportunidade ou erro catequético- que conhecimentos a respeito despertam até hoje pouco interesse entre nós. Tudo nos leva a crer que o aprofundamento no humano tão próprio de tudo que é institucional sempre nos ajudará a entender a face divina da Igreja de Jesus Cristo e por isso mesmo nos aprofundará na Fé. Segue-se uma abordagem dentro do oceano da História fato bem gota d'água a respeito de algo bem

institucional qual seja o CELIBATO COMPULSÓRIO, discussão que vem há séculos justamente por ser tão humana e por isso mesmo discussão nos dias hoje cada vez mais necessária. Vejamos alguns dados pinçados no mar da História. Houve momentos quando muitas deliberações da Igreja aconteciam nos chamados CONCÍLIOS REGIONAIS. Realizavam- se em plenários menores contudo geravam decisões importantes mesmo dentro de uma Europa que olhava apenas para si mesma. Pincemos apenas um ponto entre muitos: a questão do CELIBATO.

Nos três primeiros séculos não havia celibato compulsório como hoje. Em muitas culturas da época -

sobretudo nas sociedades orientais - o homem celibatário sofria restrições nos comentários e olhares. Por isso mesmo que no Rito Católico Melquita- em comunhão com Roma- aos padres é dada a opção pelo casamento e pelo motivo que na Igreja Ortodoxa- fora da comunhão com Roma- a questão é colocada da mesma forma..Até o séc. IV os padres podiam se casar, século esse quando aconteceu o Concílio de Elvira (ano 303), um daqueles eventos regionais antes mencionados. Nele instituiu-se o celibato para o clero. Sabe-se que muitos Bispos e sacerdotes abandonaram na época sua família para viverem as definições daquele Concílio.. Imaginar as inevitáveis polêmicas surgidas! Seguem-se algumas fatos interessantes obviamente, se lidos à luz do hoje.

Pouco depois- desta feita no Concílio de Nicéia (ano 315) no seu cânone 3º definia que padres poderiam conviver com suas irmãs, tias e até mesmo... com a mãe. No Concílio de Gandra (ano 324) muitos cristãos foram censurados porque não aceitavam participar de serviços religiosos presididos por sacerdotes casados. No Sínodo de Tours (ano 567) e no Sínodo de Auxerre (ano 585-603) deliberou-se que os padres

deveriam dormir no mesmo quarto dos Bispos, "autoridade única para zelar contra a luxúria". Discutiu-se um conflito no Sínodo de Paris (ano 1074): muitos Bispos se rebelaram contra o Papa Gregório VII que chamava de "heréticos" os padres que vivam amasiados, acontecimento comum naquela época. A discussão a respeito do celibato teve o seu auge no Concílio de Latrão (1132)

A regulamentação da Disciplina do celibato que vigora até hoje só aconteceu no CONCÍLIO de TRENTO (1545-1563) quando o Cardeal Carpi apresentou o argumento forte: a total incompatibilidade entre o matrimônio e vida sacerdotal, fato absolutamente correto mas... dentro daquele contexto de séc. XVI! Bom que se diga que em Trento ratificou-se o que havia sido deliberado a respeito do celibato sacerdotal no Concílio de Latrão II (ano 1139) e no Sínodo de Pisa (ano 1335). Prudente lembrar de um dado: foi um tempo quando se acreditava ser a opção religiosa a forma mais perfeita de vida! Detalhe: somente a partir de TRENTO que o matrimônio passou a ser oficialmente assumido como sacramento!

Quem sabe neste séc. XXI retornaremos pelo menos

initialmente àquela sábia determinação do Concílio de Ancyra (ano 350-360) Nele ficou definindo que os sacerdotes poderiam se casar mas desde que a opção fosse feita antes da ordenação! Sempre lembrar que o CELIBATO COMPULSÓRIO é apenas uma Disciplina da Igreja podendo ser alterada quando for prudente fazê-lo. Coisa é certa: o celibato- assumido enquanto opção distante de condicionamentos- é um CARISMA, portanto sempre

deverá existir e ser visto como valor. Afinal "há os eunucos que se fizeram eunucos por causa do Reino dos Céus"(Mt.19,12). Tempo já é de se começar aprofundamento nos rumos daquela Disciplina após 400 anos porque vida inteligente continuará somente enquanto houver diferenças de opiniões!

* MFC-J.Fora/MG

Fontes: BUCKER. Bárbara Pataro. O Feminino na Igreja e o Conflito. Vozes, Petrópolis, 1996
HEINEMANN, Uta Ranke. Eunucos pelo Reino de Deus. Ed. Rosa dos Tempos. Rio, 1996
JEDIM, Hubert. Concílios Ecumênicos. História e Doutrina. Ed. Herder. S.Paulo, 1961

Carroça vazia

Certa manhã, meu pai, muito sábio, convidou-me a dar um passeio no bosque e eu aceitei com prazer. Ele se deteve numa clareira e depois de um pequeno silêncio me perguntou:

- Além do cantar dos pássaros, você está ouvindo mais alguma coisa?

Apurei os ouvidos alguns segundos e respondi:

- Estou ouvindo um barulho de carroça.

- Isso mesmo, disse meu pai, é uma carroça vazia.

Perguntei ao meu pai:

- Como pode saber que a carroça está vazia, se ainda não a vimos ?

- Ora, respondeu meu pai. É muito fácil saber que uma carroça está vazia por causa do barulho. Quanto mais vazia a carroça maior é o barulho que faz.

Tornei-me adulto, e até hoje, quando vejo uma pessoa falando demais, gritando (no sentido de intimidar), tratando o próximo com grossura inoportuna, prepotente, interrompendo a conversa de todo mundo e, querendo demonstrar que é a dona da razão e da verdade absoluta, tenho a impressão de ouvir a voz do meu pai dizendo: "Quanto mais vazia a carroça, mais barulho ela faz..."

Os 4 erros do consumismo

Leonardo Boff *

A fome é uma constante em todas as sociedades históricas. Hoje, entretanto, ela assume dimensões vergonhosas e simplesmente cruéis. Revela uma humanidade que perdeu a compaixão e a piedade. Erradicar a fome é um imperativo humanístico, ético, social e ambiental. Uma pré-condição mais imediata e possível de ser posta logo em prática é um *novo padrão de consumo*.

A sociedade dominante é notoriamente consumista. Dá centralidade ao consumo privado, sem auto-limite, como objetivo da própria sociedade e da vida das pessoas. Consome não apenas o necessário, o que é justificável, mas o supérfluo, o que questionável. Esse consumismo só é possível porque as políticas econômicas que produzem os bens supérfluos são continuamente alimentadas, apoiadas e justificadas. Grande parte da produção se destina a gerar o que, na realidade, não precisamos para viver decentemente.

Como se trata do supérfluo, recorrem-se a mecanismos de propaganda, de marketing e de persuasão para induzir as pessoas a consumir e a fazê-las crer que o supérfluo é necessário e fonte secreta da felicidade.

O fundamental para este tipo de marketing é criar hábitos nos consumidores a tal ponto que se crie neles uma cultura consumista e a necessidade imperiosa de consumir. Mais e mais se suscitam necessidades artificiais e em função delas se monta a engrenagem da produção e da

distribuição. As necessidades são ilimitadas, por estarem ancoradas no desejo que, por natureza, é ilimitado. Em razão disso, a produção tende a ser também ilimitada. Surge então uma sociedade, já denunciada por Marx, marcada por fetiches, albarrotada de bens supérfluos, pontilhada de shoppings, verdadeiros santuários do consumo, com altares cheios de ídolos milagreiros, mas ídolos, e, no termo, uma sociedade insatisfeita e vazia porque nada a sacia. Por isso, o consumo é crescente e nervoso, sem sabermos até quando a Terra finita aguentará essa exploração infinita de seus recursos.

Não causa espanto o fato de o Presidente Bush conamar a população para consumir mais e mais e assim salvar a economia em crise, lógico, à custa da sustentabilidade do planeta e de seus ecossistemas. Contra isso, cabe recordar as palavras de Robert Kennedy, em 18 de março de 1968: "Não encontraremos um ideal para a nação nem uma satisfação pessoal na mera acumulação e no mero consumo de bens materiais. O PIB não contempla a beleza de nossa poesia, nem a solidez dos valores familiares, não mede nossa

argúcia, nem a nossa coragem, nem a nossa compaixão, nem a nossa devoção à pátria. Mede tudo menos aquilo que torna a vida verdadeiramente digna de ser vivida". Três meses depois foi assassinado.

Para enfrentar o consumismo urge sermos conscientemente anti-cultura vigente. Há que se incorporar na vida cotidiana os quatro "erres" principais: reduzir os objetos de consumo, reutilizar os que já temos usado, reciclar os produtos dando-lhes outro fim e finalmente rejeitar o que é oferecido pelo marketing com fúria ou sutilmente para ser consumido.

Sem este espírito de rebeldia consequente contra todo tipo de manipulação do desejo e com a vontade de seguir outros caminhos ditados pela moderação, pela justa medida e pelo consumo responsável e solidário, corremos o risco de cairmos nas insídias do consumismo, aumentando o número de famintos e empobrecendo o planeta já devastado.

* Teólogo

NOSSA CAPA



Mais uma Olimpíada da Era Moderna se aproxima.

Mais uma vez todos os povos de todo o mundo dirigem sua atenção para o país que sediará os jogos, desta feita a China.

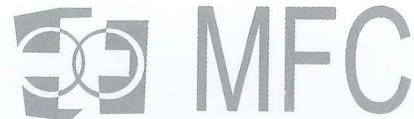
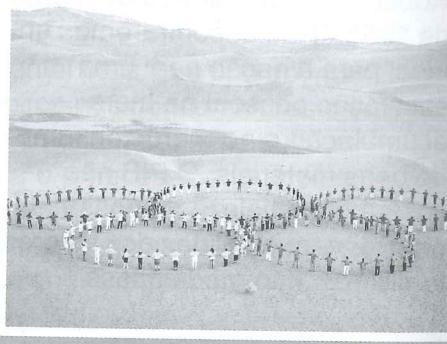
Mais uma vez, lembrando fatos ocorridos em outras edições dos Jogos Olímpicos, todas as preocupações se voltam para o que possa acontecer aos atletas e aos aficionados do esporte e do atletismo que lá estarão.

Mais uma vez, porém, cresce nos corações de toda a humanidade, a esperança de que a solidariedade, a amizade, a liberdade, enfim, a paz que reinarão durante o período de re-

alização de tão significativo evento, perdurem no dia-a-dia de todos nós.

Mais uma vez os anéis olímpicos, na foto abaixo formados por jovens chineses no deserto de Kumtag, possam conamar todas as nações para unirem esforços no sentido de amenizar ou suprimir as barreiras que dificultam ou impedem uma maior integração de todos os povos e nações da Terra.

Que o Espírito Santo de Deus possa inspirar todos os corações e mentes que estão à serviço da realização das Olimpíadas de Pequim, para que elas possam se constituir em um sinal de esperança para a humanidade.



MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO

EDITORIA & PUBLICAÇÕES

Atendimento aos assinantes,
assinaturas novas, renovações e números anteriores

Distribuidora Fato e Razão

Rua Barão de Santa Helena, 68 Granbery
CEP: 36010-520 - Juiz de Fora - MG
Telefax: (32)3218-4239
fatoerazao@yahoo.com.br
fatoerazao@gmail.com

Venda de Livros, Revistas e Temários do MFC,
pedidos e encomendas para remessa postal

Livraria do MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68 Granbery
CEP: 36010-520 - Juiz de Fora - MG
Telefax: (32)3218-4239
livraria.mfc@yahoo.com.br
livrariamfc@gmail.com

Publicações disponíveis na Livraria MFC

Temários de Reuniões

Preto no branco
Um passo adiante

Livros

Amor e Casamento
Descomplicando a Fé
Eis o MFC
Cuidado Frágil

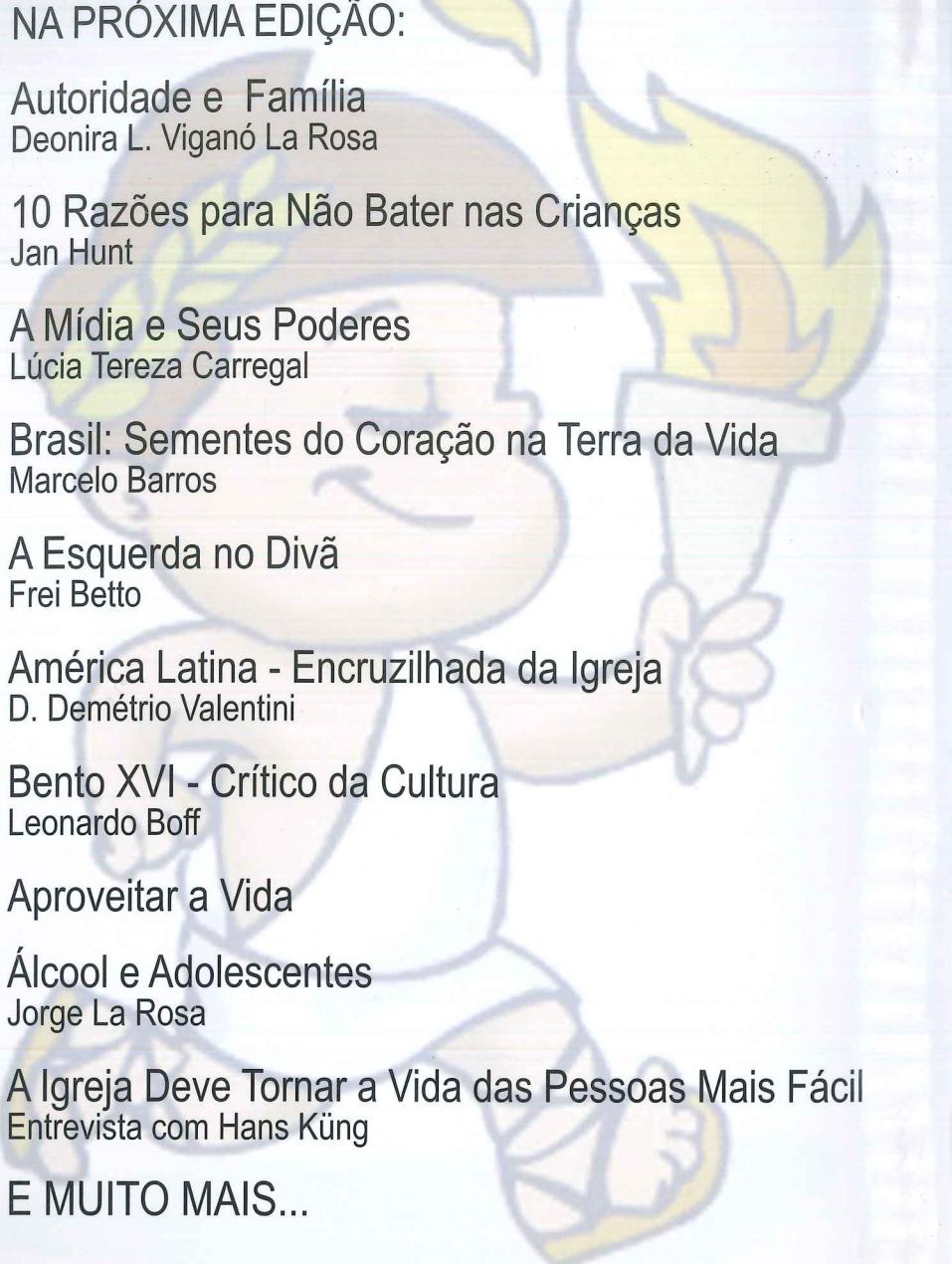
Fato e Razão

Números anteriores

Colaborações e cartas de leitores

Equipe de Redação de Fato e Razão

R. Des. Saul de Gusmão 80 - VIII - CEP 22641-280 Rio de Janeiro - RJ
E-mail: helioamorim@globo.com



NA PRÓXIMA EDIÇÃO:

Autoridade e Família
Deonira L. Viganó La Rosa

10 Razões para Não Bater nas Crianças
Jan Hunt

A Mídia e Seus Poderes
Lúcia Tereza Carregal

Brasil: Sementes do Coração na Terra da Vida
Marcelo Barros

A Esquerda no Divã
Frei Betto

América Latina - Encruzilhada da Igreja
D. Demétrio Valentini

Bento XVI - Crítico da Cultura
Leonardo Boff

Aproveitar a Vida

Álcool e Adolescentes
Jorge La Rosa

A Igreja Deve Tornar a Vida das Pessoas Mais Fácil
Entrevista com Hans Küng

E MUITO MAIS...